

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL- UEMS**

**SILVANA HARUMI TANAKA CHACHA KAWANO**

**A POESIA DE MANOEL DE BARROS E O DESPERTAR  
PARA A LITERATURA INFANTIL**

Campo Grande/MS

2017

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL –  
UEMSCURSO DE PEDAGOGIA  
SILVANA HARUMI TANAKA CHACHA KAWANO**

**A POESIA DE MANOEL DE BARROS E O DESPESTAR PARA  
A LITERATURA INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul,  
como parte dos requisitos para obtenção do  
grau de licenciado em Pedagogia.  
Orientador: Prof. Dr. Wellington Furtado  
Ramos

Campo Grande/MS  
2017

**SILVANA HARUMI TANAKA CHACHA KAWANO**

**A POESIA DE MANOEL DE BARROS E O DESPERTAR  
PARA A LITERATURA INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso objetivando a  
obtenção do grau de licenciado em Pedagogia  
à Banca Examinadora da Universidade  
Estadual de Mato Grosso do Sul, área de  
Educação.

Aprovada em \_\_/\_\_/\_\_

---

Prof. Dr. Wellington Furtado Ramos – Orientador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Lúcia Guerra – UEMS

*Sou escravo do lápis com borracha. Depois tem outra: sempre imagino que na ponta do meu lápis tem um nascimento. Sei que isso é bobagem da minha parte. Mas as bobagens também criam raízes.*

Manoel de Barros

## AGRADECIMENTOS

Obrigada Deus, meu querido amigo, companheiro, confidente, presença segura dentro de mim. Obrigada Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup>. Wellington Furtado Ramos, por me orientar com tanta doçura, sutileza e sabedoria.

Professora Dr<sup>a</sup>. Vera Lúcia Guerra, por me orientar com firmeza, ternura e amizade, por eu ser uma pessoa avoada, e você puxar o fio da minha pipa.

Professor Zé Melim (o Mago), por continuar me ensinando biologia e por me ensinar todas as coisas sobre a vida humana e dos animais, e pelo sincício, grupos de células que formam o pensamento.

Professora Léia Teixeira, pela sua suavidade nas suas palavras e todas suas cores alegres para colorir nossa vida.

Professor Paulo Edyr, por me ensinar a não jogar pérolas aos porcos, e por me mostrar como é importante a nossa tarefa de sermos professores de crianças.

Professora Samira Lacelloti, pela sua sabedoria, suavidade na sua voz elegante e sua postura de lady.

Professora Maria, de Lourdes da Silva, pela sua força de mulher negra e forte, minha Diva da Pedagogia.

Professora Mônica Scharth (in memoriam) por toda sua alegria, alto grau de autismo e por defender a todos os trabalhadores da UEMS e também os estudantes, independentes de suas classes sociais e títulos, defensora das pessoas, pela sua dignidade e por uma vida mais feliz. Jamais ninguém te substituirá. Professora das criancinhas, “mãezona de todos nós.”

Sempre te carregarei em meus pensamentos, no meu coração e na minha alma. A sua luta não será em vão, somos suas crias, e essa será sua vingança, estaremos espalhados por todo esse país chamado Brasil, quisar até mesmo fora do país. Em sua honra e memória, somos a uma última Turma Mônica Scharth e você nos abençoou em sua última noite conosco, dizendo que estava muito feliz conosco:

- GALERA, ADIVINHA?

- VOCÊS ESTÃO PRONTOS!

Alexandre da xerocopia, por me ajudar nessas partes tecnológicas, em que sou um desastre, porque sou como Manoel de Barros, “sou da invencionaria”.

Minha família, José Augusto, Felipe Hiroshi, Milena Yumi, meus irmãos Sandra Massae, José Antônio Massaru, minha mãe Maria Luiza e meu pai Francisco Issao Tanaka (in memorian).

Aos meus amigos antigos que são muitos graças a Deus, e aos novos amigos, Wanuzza (Wawa), com seu jeitinho meigo de gestora, Patricia Zerlotti com seu humor ácido e sua fome insaciável, Shirlei Xavier com sua beleza rara, Zé Emoção, um cara estigado, Suzana Mikui (Su) com seu jeitinho de rodar a baiana, Karol Isaac Adania(Karolzinha, minha filha), Cibelle (Cibs) com seu enorme entusiasmo mesmo as 22:00h, amigos que levarei comigo, onde quer esteja, no meu coração.

Anderson e Gilza, pela disposição, o carinho e a gentileza, sempre com sorrisos no rosto.

Professor Cido, pelos maravilhosos conselhos, e por me conduzir na mobilidade da vida de maneira tão generosa e iluminada.

E Manoel de Barros (in memorian), por permitir que fizesse a viagem espiritual com ele, que aprendi muito e despertou em mim o amor, respeito e a excitação pela literatura.

## RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo indicar como a poesia de Manoel de Barros pode contribuir para o estudo da Literatura Infantil nas escolas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada na revisão bibliográfica de textos de autores como Nelly Novaes Coelho (1991), Cecília Meirelles (2016), Regina Zilberman (1991), Ezequiel Theodoro da Silva (2008), com vista a ressaltar que a Literatura é arte e, por meio dela, o aprendizado das crianças pode ser facilitado. A literatura pode ser trabalhada de diversas maneiras e por todas as disciplinas, como Português, História, Geografia e, até mesmo, a Matemática. Nesse caso, em particular, foi realizada uma análise da obra de Manoel de Barros, nomeada de “O menino que carregava água na peneira” (1999).

**Palavras Chave:** Poesia. Literatura Infantil. Arte. Manoel de Barros.

## **ABSTRACT**

This work aims to indicate how the poetry of Manoel de Barros can contribute to the study of children's literature in schools. This is a qualitative research, based on the bibliographical review of texts by authors such as Nelly Novaes Coelho (1991), Cecília Meirelles (2016), Regina Zilberman (1991), Ezequiel Theodoro da Silva (2008), with a view to emphasizing that Literature is art and through it, children's learning can be facilitated. Literature can be worked in various ways and across all disciplines, such as Portuguese, History, Geography and even Mathematics. In this case, in particular, an analysis was made of the work of Manoel de Barros, named "The boy who carried water in the sieve" (1999).

**Keywords:** Poetry. Children's literature. Art. Manoel de Barros.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	2
1. SE O PASSARINHO TROPICAR NUM PASSARINHO? .....	5
1.1 LITERATURA INFANTIL .....	11
1.2 ANÁLISE DO TEXTO .....	16
2. DESPROPÓSITOS .....	20
2.1 AS PRIMEIRAS LEITURAS .....	25
2.2 A BUSCA PARA O DESVELAMENTO DO ATO DE LER .....	33
3. A LIBERDADE E A POESIA A GENTE APRENDE COM AS CRIANÇAS .....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	46
E FICOU SENDO... .....	46
REFERÊNCIAS .....	48

## INTRODUÇÃO

A poesia de Manoel de Barros e o despertar para literatura infantil, assim foi nomeada essa tese, que teve como o problema elencado, como ensinar as crianças a ler, tendo a literatura como mediadora nesse processo de aprendizado.

Os objetivos gerais, primeiro mediar como professora, no sentido de diminuir esse abismo entre o leitor e o escritor, evidenciando que o personagem principal é o leitor, porque a leitura ideológica começa desde quando nascemos. Segundo ressaltar que a Literatura é arte, e que por meio dela, facilitar o aprendizado das crianças.

Objetivo específico, especular sobre a contribuição da obra de Manoel de Barros para a sensibilização artística na Educação Infantil.

Essa tese foi dividida em três capítulos, são eles:

Primeiro Capítulo: “No aeroporto o menino perguntou: \_ E se o avião tropicar num passarinho?

Segundo Capítulo: Despropósitos

Terceiro Capítulo: A liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças.

Considerações finais: E ficou sendo.

O que é poesia? Para Manoel, o poeta é um ente que lambe palavras. Desde os primórdios os poetas eram escravos que alegravam a nobreza e trazia notícias de entes queridos da palestina, e contava histórias sobre a coragem dos soldados. Benedito Croce pensava que a poesia era um conjunto de imagens animadas por um sentimento literário, que seria o interesse pelas palavras, suas relações umas com outras, o poeta seria um pesquisador de palavras, e juntas com o sentimento humana elas se transformam em poesia.

Em dado momento, todos somos poetas, porque somos escritores de nossa própria história, a poesia embeleza as palavras e reconforta a alma, da poesia são retiradas belíssimas novelas, filmes, músicas, porque é por meio dos sentidos que contemplamos a poesia e podemos sentir prazer.

E o que é literatura? É tudo o que uma sociedade trate como literatura, essa dúvida é muito comum, porque nossa língua portuguesa é difícil de ser compreendida, talvez seja uma maneira de deixar a grande massa em uma posição inferior, porque como é opressor, não entender o que o outro nos diz. Na Inglaterra, no século XIX, a literatura surge com o objetivo de dar aos nativos a noção de grandeza do país, e envolve-los na evolução do país e tomar o

lugar da religião que já não servia para manter a união da sociedade. A literatura como um tipo de escrita que poderia civilizar classes mais baixas, aristocratas e classes médias.

Jonathan Culler (1999) ressaltava que, na literatura de linguagem integrada, havia vários elementos linguísticos, como sons, rimas, travas línguas. A literatura como objeto estético, que historicamente o nome dado à teoria da arte ou uma resposta subjetiva dos espectadores e a relação ao belo com a verdade e o bem.

Partindo da ideia que a literatura é arte, então a estética seria a beleza, um efeito proporcionado pela obra que tangenciaria a alma das pessoas, ou seja, seus sentimentos; por isso, nos emocionamos quando assistimos a um filme que representa as dores humanas na medida em que, de certa maneira, temos uma empatia com a dor do outro, o mesmo acontece quando ouvimos uma música, lemos um livro, assistimos a uma peça de teatro.

Somente no século XVII que se passou a escrever para crianças, nesse momento é que surge a literatura infantil, até então, a literatura para as crianças consistia em histórias para adultos, que serviam como um entretenimento, algo para acalmá-las, no sentido de ficarem quietas e não incomodarem os adultos. Ora, a literatura precisa ser mais do que isso, por meio dela, de uma forma lúdica, explorando o maravilhoso, estabelece-se a relação da criança com o mundo em que vive, tendo uma noção de quem ela é, seu nome, sua família, o bairro onde mora, de modo a criar um elo de pertencimento e de autoconhecimento

A escola é o lugar em que a prática da literatura facilitará o aprendizado das crianças, por conta da interdisciplinaridade, uma vez que, por meio de uma história, o professor pode percorrer todas as áreas de conhecimento, como a geografia, a história, a matemática, o português; trata-se, realmente, de um leque de oportunidades que oportunizam um planejamento riquíssimo, além de permitir que o professor tenha independência perante o livro didático.

Nesta pesquisa foi utilizada a análise intrínseca do texto, na busca de se evidenciar as relações propiciadas pela escrita literária, lembrando que literária significa o interesse pelas palavras e o contexto criado por ela, ou seja, a obra em si.

Para essa análise, o texto escolhido foi “O menino que carregava água na peneira”, com o objetivo de tentar mostrar o que a história passa como mensagem, a entabulação, a intenção, os tipos de linguagens que Manoel de Barros usa para escrever.

Em Barros (1999), na obra, “ Exercícios de ser criança “, um livro que possui imagens maravilhosas, coloridas, que foi inicialmente feito da família Dumont, as irmãs bordaram, teceram sobre os desenhos do irmão Demóstenes Vargas. Manoel escrevia sobre tudo, gostava da quietude, da simplicidade, mais que quatro pessoas, já era multidão para ele,

homem de sorriso fácil e de alma encantadora, apaixonante e que tinha doçura na sua escrita. Muitos dizem que ele era escritor rural, do mato, eu discordo, ele escrevia sobre o que vinha da alma dele, e o homem é homem, em qualquer lugar que esteja, com suas fragilidades, seus sentimentos, imperfeições e a busca dessa tal felicidade.

Essa obra de Barros (1999) é muito rica, a priori parece ser literatura infantil, mas quando embarcamos de corpo e mente aberta nas escritas de Manoel é que podemos compreender as suas palavras, que só podem vir do coração, porque ele tinha uma habilidade de construir e desconstruir as palavras, com toda magia, respeito e excitação.

Então, convido os leitores a fim de que se permitam fazer essa viagem espiritual com Manoel, adianto que não precisa levar muitas coisas na sapicuá, apenas imaginação, liberdade e coração aberto. Não tenham medo, pois estarão em um solo sagrado, que só os que acreditam no amor e que a humanidade ainda vale a pena podem entrar.

## 1. SE O PASSARINHO TROPICAR NUM PASSARINHO?

Vamos pensar sobre essa pergunta e no quanto ela é subjetiva. Dependendo de para quem ela for feita, qual seria a resposta? Imagine uma criança de três anos, ela sabe ler? Talvez não saiba decodificar os símbolos a que chamamos de letras e que, juntas, formam as palavras, frases, textos, livros. Mas não podemos negar o fato de que essa criança se relaciona com o mundo que a cerca: o reconhecimento de seus pais, irmãos ou outras pessoas que tem contato de si. E a pessoa que cuida dessa criança também faz a leitura de sua expressão facial e corporal, dos seus choros, de modo a classificar o que está sentido ou precisando.

Nesse mesmo sentido, podemos questionar sobre a experiência de um chamado analfabeto: será que ele não faz a leitura do mundo ao observar as pessoas, a natureza, o movimento que a vida e o meio em que vive geram e, necessariamente, com os quais se relaciona? Segundo o Dicionário Houaiss, a leitura é: decifrar o conteúdo escrito de algo por saber reunir as letras, ou seja, reconhecer os signos, e entender seus significados, o que dá sentido e que leva à uma interpretação.

Muitas pesquisas, experiências, discussões estão sendo realizadas ao longo dos anos, no sentido de uma reforma no âmbito educacional para melhorar o aprendizado da leitura. O estudo da Literatura Infantil e da Língua, que seria a disciplina de Português, segundo Coelho, os norteadores para essa tarefa, confiante que:

[...] a verdadeira evolução de um povo se faz ao nível da mente, ao nível da consciência de mundo que cada um vai assimilando desde a infância. Ou ainda não descobriram que o caminho essencial para se chegar a esse nível é a Palavra. Ou melhor, é a Literatura, \_ verdadeiro microcosmo da vida real, transfigurada em arte. (COELHO, p.14,1991).

Refletindo sobre essa afirmação, podemos pensar, que a mente do homem, o fato de ele ser um racional, que pensa, repensa, e tem toda a percepção dos sentidos ou de alguns dele, consegue colocar suas ideias, ou seja sabe falar, se expressar, interagir com os outros, e que a palavra, é um elemento fundamental na construção de uma sociedade, que por meio dela, são estabelecidas regras, leis, normas, que são necessárias para se viver em uma comunidade, usando de bom senso, respeito e principalmente usando da inteligência para entender o que está escrito no discurso da vida.

E quanto à literatura infantil, como ela pode contribuir para o desenvolvimento das crianças? A literatura infantil tem um papel muito relevante na formação da consciência

de mundo, mas o que isso significa? Conforme o início da exposição, a capacidade de leitura do mundo parece-nos uma faculdade inerente ao homem, a partir da observação e compreensão do lugar onde vive, bem como da necessidade de comunicar-se, expressar-se e descrever o mundo à sua volta, seu cotidiano. Desde a Antiguidade, os homens primitivos expressavam-se com códigos visuais nas paredes das cavernas, o que nos leva a entender, radicalmente, que a criação de sistemas de comunicação distingue a espécie humana.

Neste contexto vem um questionamento em minha mente. Por que a escola é um espaço privilegiado para que aconteça o encontro do leitor e o livro?

Segundo Coelho (1991), na escola temos a oportunidade de trabalhar com textos literários com várias metodologias, por exemplo, ler um livro ou um texto e fazer um gibi, ou seja, facilitar a compreensão do texto para o aluno, de forma que ele participe da construção desse conhecimento. Exercitando o raciocínio sobre o seu estar-no-mundo, sobre sua própria história, suas origens, As histórias dos alunos devem ser valorizadas, no sentido de escrever sobre ele mesmo, como descobrir a origem do seu nome, da sua descendência, dos hábitos de família, quais línguas seus ancestrais falavam, tudo isso contribui para a formação do ser, saber de onde vem, conhecer sobre si mesmos, saber nomear os seus sentimentos, aos poucos ele vai se reconhecendo como pessoa e construindo a sua identidade individual e coletiva.

A escola tem o papel de orientar, com o planejamento além das salas de aula, com os alunos enfileirados em cadeiras um atrás do outro, principalmente em se tratando de leitura de histórias, a contextualização do ambiente contribui de uma forma lúdica, para que as crianças deem asas à imaginação. Ademais é muito mais prazeroso escutar uma história quando o espaço é agradável e propício, de modo que a literatura contribua de uma maneira significativa na formação do aluno.

Sabe-se da dificuldade de realizar essa tarefa e, para isso, foi traçado um plano de estudo pelos pesquisadores do livro *Literatura Infantil* (COELHO, 1991, p.16-17), que visava contribuir com o método de ensinar literatura infantil, ao indicar possíveis caminhos a serem percorridos. Sendo eles sete princípios que serviram de métodos para um planejamento de ensino de Literatura Infantil, em todos os níveis:

- A criança como ser educável, ou seja, que se consegue educar, o homem é ou deveria ser um aprendiz de cultura, (conhecimento adquiridos), por toda sua vida;
- A Literatura, como um fenômeno de linguagem, que resulta das experiências existencial, social e cultural;
- Interdisciplinaridade da literatura com a História e a Cultura;
- Entendimento de que a Leitura seria um diálogo entre o leitor e o texto, porque há uma troca, uma experiência estética quando se lê um livro, por exemplo; no sentido de informação, da fruição (usufruir, prazer),

emoções e movimentos das células sinápticas (que ajudam no processo da leitura).

- Entendimento da Escrita, como consequência da Leitura adquirida e pela sua capacidade por meio da inteligência, de criar, inovar ou inventar;
- Clareza de que os métodos utilizados, didaticamente falando, devem ser neutros. Porque para que se tenha êxito, depende do estágio de conhecimento do usuário(leitor), da maneira como vai receber as informações transmitidas, e também da intenção de quem propõe o conhecimento (nesse caso, o professor), e da sua escolha e de qual o seu propósito, ou seu objetivo em ensinar:
- Convicção de que a Escola é um lugar de conhecimento, em que as sementes são lançadas em terrenos férteis e genuínos, que se forem sementes de qualidade, nascerão possíveis grandes árvores;

Voltando para a Literatura Infantil, pensando nela como um instrumento para a formação da criança, em todo seu processo, é importante que o professor esteja atento, no sentido de acompanhar as mudanças, e que ele também pense na forma como vê e percebe o mundo, do modo como se colocam diante da situação social, cultural e da história, para que possa fazer um trabalho com seus alunos, por meio da literatura.

No sentido tradicional, sempre houve, em alguma medida, o individualismo que, na literatura infantil, configurou-se na valorização ideal do indivíduo por via da representação de heróis e personagens românticos, exemplos de boas condutas e virtudes como coragem, honestidade; personagens que hoje se igualam aos super-heróis dos quadrinhos ou dos filmes, com a intenção de criar modelos pautados em certas ideias de perfeição que serviriam como exemplo a ser seguido por crianças e jovens. Nesse contexto, o poder e os valores que a Igreja, o chefe, o pai e o esposo exerciam deviam ser obedecidos pelos seus subordinados: filhos e esposas. Havia uma classe que possuía o saber e o poder, nem todas as pessoas tinham acesso ao conhecimento, e a mulher precisava ser submissa e obedecer ao marido. Na literatura infantil predominava o domínio do exemplo, o que era bom e errado. A esse respeito, Coelho (1997, p. 19) assevera:

O sistema social sobrepõe o Ter ao Fazer e ao Ser. Quanto às classes: valoriza as minorias privilegiadas pela fortuna; respeita o Saber dos que acenderam socialmente pelo Estudo (profissões liberais) e incentiva o paternalismo (como compensação ao desequilíbrio social) é visto de maneira dual: de um lado, o ideal democrata que valoriza o trabalho (pedra base de todo sistema social) [...].

Nota-se que a classe que detinha o maior poder aquisitivo também tinha mais acesso ao saber e, para a classe mais desfavorecida era (se não o for ainda) estabelecido que o trabalho seja o primordial, não sobrando tempo para o trabalhador estudar e ampliar seu

horizonte de experiências, com a possibilidade de ascensão em sua vida; um privilégio restrito às classes mais abastadas. Tal fenômeno ficou conhecido como “escravização da massa assalariada” (COELHO, 1997, p.19).

Na família, o homem era quem possuía o poder e à mulher cabia a responsabilidade de cuidar do lar e cuidar dos filhos, de maneira que, na literatura, a figura da mulher era associada, desde da Idade Média, a uma figura idealizada, íntegra e submissa, era o “código do amor cortês”, ou seja, a mulher precisava ser cortejada, um jogo de sedução. Um fato que chamava atenção era que a mulher não exercia poder sobre o próprio corpo: primeiro, era seu pai que o legislava e, depois, seu marido. Para as crianças, essa lógica era repassada exaustivamente, com vistas a evidenciar o que era destinado aos homens e às mulheres.

Do ponto de vista religioso, a moral dogmática era baseada na conduta correta do ser humano, que sofria a ameaça de consequências pela má conduta, ou seja, o castigo, o que forçava a exaltação do que era visto como virtude. Para as crianças, essa conduta moral era determinada em termos de certo ou errado, resultando no que chamamos comumente de moral da história, presente em gêneros que são associados à infância, como a fábula ou o apólogo.

Na perspectiva de Coelho (1991), como a literatura é praticada no que ela chamou de “O novo” no sentido de um mundo contemporâneo (tempo atual), no caso da literatura infantil, o herói foi substituído, paulatinamente pelo grupo, deixou de ser um indivíduo extraordinário e foi substituído por pessoas comuns, de modo a promover a (com)vivência das diversidades, num espírito libertário e antiautoritário. Um exemplo de herói no passado (Capitão Caverna), era um herói solitário, que lutava pelas boas causas e pelos os oprimidos, em tempos contemporâneos temos por exemplo (A liga da Justiça) que conta a saga de vários heróis, uma narrativa ou história de ficção (criação de imaginação), que se uniram para combater o mal e as injustiças.

Pensando em auxiliar os novos professores Coelho (1991), selecionou alguns aspectos básicos para estudar Literatura Infantil e depois ensiná-la, e o contexto social, no sentido de se tratar de uma sociedade em processo de mudanças, em que os valores estavam sendo semeados e que estariam presentes na geração futura, ela relacionou alguns tipos de comportamento e de pensamentos.

O sistema social sobrepondo o Fazer (trabalho) o Ser (a pessoa) ao Ter (privilegiados). O “trabalho” passaria a ser visto não somente como via para a obtenção do dinheiro, mas também como uma realização pessoal. Na “família”, tais transformações impactaram a relação hierárquica assentada na lógica patriarcal que, com o empoderamento das mulheres, passou a ser desconstruída, conseqüentemente gerando uma mudança nos

papéis sociais internos ao casal, tanto o homem como a mulher tornaram-se os responsáveis pela educação dos filhos. Na literatura, observou-se que essa mudança surgiu com um novo prisma, quando a mulher deixa de ser a rainha do lar e há uma crescente igualdade de papéis entre meninos e meninas.

As mudanças acima referidas, referem-se a uma “moral da responsabilidade do eu”, ou seja, não dizem mais respeito apenas às condutas humanas em uma visada maniqueísta como certas ou erradas, simplesmente. Os valores não poderiam ser estabelecidos, era necessária uma flexibilidade, de modo que, nesse momento, desapareceria a “moral da história” “na literatura para crianças, e o conceito de moral converte-se em algo mais natural e mais espontâneo.

Além das relações de trabalho e familiares, tais mudanças são permeadas, ainda, pela transformação no olhar sobre o corpo e a sexualidade, uma questão certamente impactada, desde o século XIX, pela psicologia e, posteriormente, com Freud, pela psicanálise. A respeito dessa “libertação sexual”, especialmente no que tange ao gênero feminino, Nelly Novaes Coelho (1991, p. 22) afirma:

O sexo é recuperado como ato natural e, ao mesmo tempo, desfrutado, abertamente, como suprema libertação do ser; e como fim-em-si. Isto é, sem abertura para o verdadeiro encontro. Eu/ Outro que a união sexual deve permitir, e que leva efetivamente à plena realização do ser. Não, à sua auto-destruição... É de se notar que a “libertação” conquistada foi imediatamente “absorvida” pela indústria cultural, que acabou por despojar o sexo de sua grandeza intrínseca, vulgarizando-o como simples produto de marketing.

Com a liberação feminista, atribulam-se os conceitos tradicionais, dando lugar a “sociedade sexófila”. O sexo passa a ser visto de uma maneira natural e inerente ao ser humano, e não como algo pecaminoso, mas como um encontro, um conhecimento de si e também do outro. No que diz respeito às crianças, desperta-se o pensamento em introduzir cursos de educação sexual, nas escolas, o que também se configura como uma transformação macroestrutural que corrobora para a modificação da noção de infância e, conseqüentemente, de literatura infantil.

Os novos escritores, tiveram a consciência de suas origens, mas conseguem perceber que fazem parte de um contexto, mas que não precisam imitá-los, assim, tendo mais liberdade com a possibilidade de fazer a “intertextualidade,” que é o ato de visitar outras obras. Novas formas literárias, ou seja, o interesse por outras palavras, suas relações entre si, são exploradas no “novo”, ou seja, o escritor mantém seu elo com a escrita do passado, mas se

permite a redescobrir um outro tipo de escrita mais moderna. Na literatura infantil, esse resgate, valorizou as histórias sobre os negros e índios, como os primeiros habitantes do Brasil.

A vida vista como uma evolução contínua e permanente, a busca pela perfeição do espaço para a busca pelo aprofundamento interior, até à morte, como não sendo mais o fim de tudo. A intuição sobrepõe a lógica, assim, a magia faz parte do cotidiano, e intermeava o que era real e o que era imaginário. A luta contra o racismo, na literatura infantil, houve o surgimento de personagens de várias raças. No “novo”, a criança foi vista como uma pessoa em formação, que precisava ser orientado, mas que poderia também ser livre.

Segundo Coelho (1991), para que a relação do leitor com a literatura, tenha frutos, é necessário que haja uma aventura espiritual nomeada por leitura. E para isso ocorra entra em cena a Psicologia Experimental, no qual Coelho alicerçou seu raciocínio para que aja o aprendizado da leitura. Seguindo alguns fatores, como a idade cronológica, nível do amadurecimento, biopsíquico- afetivo – intelectual e grau e nível de conhecimento/ domínio de leitura.

Coelho (1991), sugeriu alguns princípios norteadores, que podem ser subsídios na escolha de livros conforme o estágio de cada leitor.

- Pré -leitor (15/ 17 meses aos 3 anos) – nessa fase a criança reconhece a realidade que a cerca, por meio dos contatos físicos e pelo tato. Nesse momento ela inicia sua própria linguagem (fala) e começa a dar nomes as coisas em sua volta. O adulto tem papel fundamental nessa fase, oferecendo imagens de animais, desenhos, brinquedos como ursos de pelúcia, preferencialmente objetos com textura macia, chocalhos. Assim, estabelecendo uma relação de percepção do espaço em que vive.
- Leitor na segunda infância (2 a 3 anos) – fase em que há a predominância dos valores vitais e sensoriais, início da fase egocêntrica (eu como o centro do universo) e dos brinquedos, adaptação ao meio e interesse pela expressão verbal.
- Leitor iniciante (6 a 7 anos) \_ fase em que a criança já reconhece os signos (sinal/ símbolo), também reconhece sílabas simples e complexas. Início da sociabilização e racionalização da realidade. As imagens ainda precisam predominar sobre o texto. Narrativa com situação (acontecimento, fato) com início, meio e fim. O texto deve ser composto de palavras simples, com elementos repetitivos para melhor compreensão.
- Leitor em processo (8 a 9 anos) \_ fase em que a criança domina com facilidade o mecanismo de leitura. Imagens com diálogos nos textos. Escritos de forma simples e aos poucos períodos compostos por coordenação. A narrativa em torno de uma situação central (conflito), que deve ser solucionado até o final da história. O adulto ainda deve auxiliar nesse momento, como um provocador, no sentido de fazer perguntas após a leitura.
- Leitor fluente (10 a 11 anos) \_ fase em que há a compreensão do mundo que está escrito no livro. Nesse momento o leitor consegue refletir sobre o assunto, e a capacidade de concentração aumenta. Não há mais

necessidade do acompanhamento de um adulto. As imagens, não são mais necessárias, o texto predomina por ele mesmo. Os personagens preferidos são os heróis, que lutam por um ideal e pela justiça. Gêneros narrativos mais atraentes, são as novelas, contos e crônicas. O maravilhoso continua sendo um atrativo, principalmente no sentido do fantástico, absurdo. Abrindo o caminho para o Amor.

- Leitor crítico (12 a 13 anos) \_ fase em que há o domínio da leitura, capacidade de reflexão com maior profundidade de modo perceber a visão de mundo no texto lido. O ser sente necessidade de aprender cada vez mais. Nesse momento se faz necessário o conhecimento da teoria literária (interesse pelas palavras), porque a Literatura é uma arte da linguagem e desse modo precisa ter uma iniciação (começo).

No movimento da Nova Escola, onde o aluno seria o centro, e deveria ser um indagador sobre o conhecimento e não ficar passivo, apenas como ouvinte. Precisava fazer experimentos, pesquisas, resolver problemas das escolas e associar com a vida cotidiana, o professor seria um auxiliar, um orientador, e não um transmissor de conhecimentos prontos.

Para Ovide Decroly, “a noção de centro de interesse está vinculada à pessoa”, ou seja, um centro de interesse com planejamentos baseados em projetos, com atividades em Educação Especial, com temas de interesse comum das crianças, maiores e mais englobados. Nada servia ensinar por meio de força, com ajuda de recompensas ou punições. O interesse torna os alunos, senão calmos, ao menos ativos e produtivos, tem satisfação de se sentir eficaz, ao mesmo tempo que partilha com os alunos o prazer de saber.

Voltando aos livros de estampas, depois de uma breve contribuição, no que se diz respeito à Nova Escola, uma pequena viagem de intertextualidade aos livros de pedagogia. Esses tipos de livros, não são propriamente literatura, pertencem à arte literária.

Dentre os autores que se destacam na confecção desse tipo de obra, Coelho (1991) destaca a produção de *Álbuns du Père Castor* invenção de Paul Faucher, orientador pedagógico francês, foi um dos primeiros responsáveis pela iniciativa da literatura voltado para o público infantil ao criar os álbuns estampados. Trabalhou com as crianças, incentivando que desenvolvessem suas potencialidades, sendo orientados a participarem do processo de uma maneira criativa. Em Coelho (1991), Faucher buscou métodos que fossem apropriados para à construção de um instrumento educativo que abrangesse os desenhos, livros, álbuns, tudo que se aproximasse mais ao entendimento das crianças.

## 1.1 LITERATURA INFANTIL

De acordo com Coelho (1991), a literatura infantil é literatura, e ela é arte, é por meio das palavras que o ser humano descreve o mundo, os seus sentimentos, e a maneira de como ele está nesse contexto. Ela possui uma linguagem específica, é importante saber como a literatura se deu em cada época, desse modo, entenderemos os valores, formas de pensamento, de cada sociedade.

Vários questionamentos recaem sobre a origem e o que ela deseja, se é apenas arte, um jogo de palavras, ou se deseja transmitir conhecimentos? Se é um fruto da imaginação livre? Ou é condicionada por fórmulas? É vital para a sociedade? A literatura não pode ser definida, porque ela é como a vida, impossível determinar um conceito, depende de vários fatores, de quem a vive, de onde a vive e de como a vive.

Fenômeno visceralmente humano, a criação literária será sempre tão complexa, fascinante, misteriosa e essencial, quanto à própria condição humana. Em nossa época de transformações estruturais, a noção de literatura que vem predominando entre os estudiosos das várias áreas de conhecimento é a de identifica-la como um dinâmico processo de produção / recepção que, conscientemente ou não, se converte em favor sociológica, ética ou política. (COELHO, 1991, p.25).

A expansão do desenvolvimento, cultural, político e social, fez com a forma literária mudasse, não mais para o prazer e na parte estéticas de seus textos, mas também como um alerta, uma modificação da visão crítica do leitor.

A literatura desde do princípio, desperta as mentes, lugar que decide as aspirações, e no espírito, lugar onde ficam as emoções. Desse encontro da literatura com o homem, ele pode manifestar seus sentimentos, ideais, aumentar a sua visão sobre o mundo e sobre sua própria e as dos outros também, condição essa que não é encontrada em outra atividade, somente ela pode oferecer esses requisitos, que são tão intensos e importante na vida humana.

A importância da literatura é fundamental na formação das crianças por se tratar de uma linguagem, onde as pessoas conseguem se expressar, naquilo que às vezes não é concreto, os sentimentos por exemplo, por meio dela esses sentimentos são revelados por meio das palavras, que também muitas vezes não são ditas, a literatura tem esse poder. E nas crianças ela consegue auxiliar no desenvolvimento de suas habilidades como expressar seus sentimentos, suas dúvidas e seus questionamentos sobre si mesmo as pessoas que a rodeiam, e também na evolução dos caminhos que percorrem desde a infância até sua vida adulta.

Por que algumas literaturas antigas ainda agradam leitores adultos e crianças?

[...]vemos que sua matéria pertence à área do maravilhoso, da fábula, dos mitos ou das lendas, cuja linguagem metafórica se comunica facilmente com o pensamento mágico, natural nos seres intelectualmente imaturos. Em última análise, esse maravilhoso, concretizado em imagens, metáforas, símbolos, alegorias... é o mediador, por excelência, dos “valores” a serem eventualmente assimilados pelos ouvintes ou leitores (para além do puro prazer que sua linguagem possa transmitir...). (COELHO, 1991, p. 39).

O motivo da preferência pela literatura mesmo após ter passado tanto tempo, é que fala da vida humana e seus valores, e ainda nos tempos atuais, penso que até mais agora, o ser humano procura se encontrar, procura a felicidade, as mulheres ganharam seu espaço no campo do trabalho, em compensação as crianças quando perguntadas “como é sua mãe?”. Elas respondem: é uma médica, uma advogada, elas associam a profissão como um traço da personalidade da mãe. Então, mesmo que as mudanças na sociedade e o seu tempo, as questões e conflitos interiores, ainda permanecem, por isso que a literatura que consegue “traduzir verdades individuais”.

Temos o exemplo, dos contos e fábulas de Calila e Dimma, que teve sua Origem na Índia, e falava sobre política e arte de governar. As fábulas geralmente por animais, mas com postura de humanos, por meio delas os autores fazer críticas e tentam impor valores morais à sociedade.

Somente no século XVII, que começaram a escrever para crianças. Existe o questionamento se a literatura é para divertir ou para ensinar? Coelho responde essa questão dessa forma:

[...] Se analisarmos as grandes obras que através dos tempos se impuseram como “literatura infantil”, veremos que pertencem simultaneamente a essas duas áreas distintas (embora limítrofes e, as mais das vezes, interdependentes): a da Arte e da Pedagogia. Sob esse aspecto, podemos dizer que, como “objeto” que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, “modifica” a consciência-de-mundo de seu leitor, a Literatura Infantil é Arte. Por outro lado, como “instrumento” manipulado por uma intenção “educativa”, ela se inscreve na área da Pedagogia. (COELHO, 1991, p. 42).

Podemos entender que a Literatura Infantil percorre por ambos os caminhos, como “objeto” ela provoca sentimentos, é divertida, e como “instrumento” ela é educativa, ou seja, depende de qual forma ela é usada ela ganha uma função diferente. Quando é usada para educar, certamente ganha uma intenção pedagógica.

E, a dúvida permanece Literatura Infantil para ensinar ou divertir? Os textos escritos para a literatura infantil são em formato de fábulas, contos de fadas maravilhosos, lendas, e tem um motivo para isso, porque por meio da ludicidade as estruturas cristalizadas e fundamentadas, são desarticuladas.

Conforme as palavras de Coelho, [...]” na literatura: o ludismo (ou o” descompromisso” em relação ao pragmatismo ético-social) é o que alimenta o literário e procura transformar a literatura na aventura espiritual que toda verdadeira criação literária deve ser. (COELHO, 1991, p.42). Essas palavras “aventura espiritual”, dá a ideia de que a literatura é viva, e que permeia as entranhas humanas, que é um instrumento poderoso que pode ser usado tanto para divertir como para educar, porque a educação, não precisa ser algo chato e enfadonho.

[...] toda leitura que, consciente ou inconsciente, se faça em sintonia com a essencialidade do texto lido resultará na formação de determinada consciência-de –mundo no espírito do leitor; resultará na representação de determinada realidade ou valores que tomam corpo em sua mente. Daí se deduz o poder de fecundação e de propagação de ideias, padrões ou valores que é inerente ao fenômeno literário, e que através dos tempos tem servido à humanidade engajada no infindável processo de evolução que a faz avançar sempre e sempre. (COELHO,1991, p.45).

Mas, o que é consciência? Segundo o psicólogo e pedagogo francês, René Hubert (1957), “a consciência se descobre como relação entre um objeto e um sujeito claramente distintos um do outro, opostos um ao outro e, ao mesmo tempo, unidos um ao outro”. Em outras palavras é preciso que se tenha um objeto diferente do sujeito, mas que por meio dessa relação, resulta-se ao conhecimento. Toda leitura tem o poder de formar uma consciência sobre e do mundo, formando valores, opiniões e questionamentos. E cada escritor tem a sua própria consciência-de-mundo, que se manifesta nas suas obras literárias, e o que é essa consciência-de- mundo? São todos os sentimentos do escritor, medo, angústias, dúvidas, entusiasmo, alegria, revolta, frustrações, e quanto maior for o aprofundamento dessa introspectiva do escritor, melhor serão suas obras.

Por isso, que o ato da leitura é um exercício que liga o leitor ao escritor por meio do objeto “livro”, com a assimilação do leitor, pode haver uma transformação, porque esse é o grande objetivo dessa “aventura espiritual”. E como Coelho (1991, p. 46) ressalta:

Daí a importância que se atribui, hoje, à orientação a ser dadas às crianças, no sentido de que, ludicamente, sem tensões ou traumatismo, elas consigam estabelecer relações fecundas entre o universo literário e seu mundo interior, para que se forme, assim, uma consciência que facilite ou amplie suas relações com o universo real que elas estão descobrindo dia-a-dia e onde elas precisam aprender a se situar com segurança, para nele poder agir.

Ainda sobre consciência-do-mundo, a autora coloca como exemplo, uma produção infantil, um livro em que a imagem sobrepõe o texto, uma série chamada “Um, Dois, Feijão com arroz, escrita por Tenê de Casa Branca, para crianças de 3 a 4 anos, a faixa mais difícil, porque o pensamento reflexivo não está desenvolvido, onde a transmissão de verdades, valores e conceitos, são por meio da nossa conduta e postura, porque os adultos são os exemplos para eles.

O livro precisa ser algo que chama a atenção dos pequenos, com páginas e imagens bem distribuídas e coloridas, o texto composto de frases curtas que seja composta de termos básicos para o pensamento, com sujeito, predicado e situações. Coelho orienta que as narrativas estejam:

Sempre centradas em situações motivadoras, retiradas da realidade cotidiana e perfeitamente compreensíveis pelo espírito infantil, as mensagens desses livros são essencialmente formadoras de uma consciência-de-mundo bastante generosa, facilmente assimilada pela criança. Entre as atitudes ou valores que integram tal consciência, estão: a alegria de conviver; o impulso de fraternidade que leva cada um a dar ao outro aquilo que está ao seu alcance; o espírito de solidariedade; a utilidade de cada coisa ou ser; o entusiasmo por fazer coisas; a beleza das coisas que nos rodeiam, a consciência de que vários elementos isolados quando fundidos de suas partes constituintes; valorização do trabalho de equipe; o amor generoso; etc. (COELHO,1991, p.47).

Por meio do mundo da leitura, a criança ao seu ritmo, conseguirá construir a sua própria concepção do mundo, de uma maneira lúdica, mas com fatos reais, despertando e fortalecendo em sua personalidade valores e sentimentos, como generosidade, esperança, tolerância, solidariedade, dessa forma elas se divertem e também aprendem.

O maravilhoso é um elemento que esteve presente desde do início das histórias para as crianças, e a Psicanálise comprova que os significados simbólicos dos contos estão associados aos conflitos humanos que percorrem por todos os momentos da sua vida.

O que se processa desde a fase narcisística ou egocêntrica inicial, em que domina o eu inconsciente, primitivo e instintivo (Id), durante a qual segundo

Jung, a energia psíquica primária ( que regula toda a vida humana) é dirigida exclusivamente para o próprio eu, até a fase final ( a que poucos chegam) de transcendência da própria humanidade, por um eu ideal (Superego).Entre essas duas fases polares,, dá-se a evolução mais significativa do ser humano: a passagem do egocentrismo para o sociocentrismo: a do eu para o nós, a fase do eu consciente (Ego), real, afetivo, inteligente , que reconhece e valoriza o outro, como elemento chave para sua própria realização. (COELHO, 1991, p. 51).

Essa é a fase em que a criança, procura defender a sua opinião, procura sua independência em relação aos pais e também a possível disputa com os irmãos, é nesse momento que mesmo ser ter a consciência disso, ela busca edificar a sua identidade e imagem, a literatura por meio dos contos de fadas, podem ajudar nesse processo de formação individual e coletiva, com personagens que retratam o bem e o mal, assim conseguirão compreender os valores da vida humana, que na realidade serão conceitos como certos ou errados.

O herói é um tipo de personagem que para a Psicanálise, a criança mais se identifica, não pela sua bondade ou beleza, mas por encontrar nele a imagem de seus problemas infantis, por causa dessa identificação a criança procura superar seus medos, enfrentados os obstáculos e quem sabe conseguindo dessa forma, tornarem-se adultos equilibrados.

Para o psicólogo B. Bettelheim, o mal precisa ser retratado nas histórias para crianças, porque as pessoas são boas e más, e são diferentes, e que precisam decidir que caminho devem seguir e o que querem ser.[..] “dando acolhida ao mal, com força quase igual ao bem (embora perdendo no fim), os contos de fadas ensinam às crianças que na vida real, é imperioso que estejamos preparados para enfrentar grandes dificuldades. [...].”

A criança de maneira intuitiva, entenderá que as histórias embora irreais ou inventadas não são falsas, porque se relacionam com as experiências da vida, a história também tem a finalidade enfrentar as dores es experiências pessoais são importantes para nossa identidade, e que tenhamos esperança para ultrapassar as angústias e dificuldades.

Como Coelho, sinaliza” que a tarefa mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar o significado da vida”, mas acredita que a literatura pode ajudar nesse propósito.

## 1.2 ANÁLISE DO TEXTO

Para analisar um texto, as relações entre a escrita e o universo são observadas, e quais são as diferenças da obra analisada com as outras já escritas, o que tem de novo e da mesmice, já escrita em obras anteriores. Coelho (p. 59, 1999), faz as seguintes perguntas ao analisar um texto:

- O que a obra transmite? Qual seu enredo, assunto, trama, entabulação?
- Como isso é expresso em escrita literária? Quais recursos de linguagem, de estilo, ou de estrutura escolhidos pelo autor? Qual a intenção que predominou nessa escolha: a estética ou a ética? (a primeira dá ênfase ao fazer literário, a segunda, aos padrões de comportamento...)
- Qual a consciência-de-mundo (ou sistema de valores) ali presente ou latente? Há ou não coerência orgânica na construção da obra? Entre estilo, recursos expressivos, problemática e consciência-de-mundo? (É a essa organicidade que lhe dá o valor da obra literária.)
- Qual a intencionalidade do autor que pode ser percebida na obra? qual seria a sua finalidade em relação ao leitor? Divertir, instruir, educar, emocionar, conscientizar...?

Por meio dessas perguntas, pode-se observar a intencionalidade do autor, a arte, a criatividade, todos esses elementos juntos, edifica-se o que é chamado de livro. Livro é o “corpo verbal”, onde será registrado todas as ideias, fantasias e histórias.

É nela que tudo que está na cabeça do autor se transforma em palavras, assim surgindo os textos, para de construir a matéria literária é necessários fatores estruturantes como: narrador, que é a voz que conta a história, foco narrativo a maneira de como o narrador escolhe para ver os fatos para relatá-los, estória, situação intrigante ou problemática, efabulação, sequências do fatos, para a literatura infantil a forma mais indicada é a linear, uma sequência que tem começo, meio e fim, gênero narrativo que está dividido em três formas, conto, é uma história contada de forma curta, escolhe-se uma situação ou um momento, existe um motivo que pode ser um conflito, todo desenvolvido em pequenas situações, à partir dessa situação, assim como no conto O Chapeuzinho Vermelho, o motivo foi a desobediência, e a problemática foi o passeio no bosque e o perigoso encontro com o lobo no caminho da casa de sua avó doente.

Novela, é uma longa narrativa, formada por pequenas narrativas, que não dependem umas das outras, e o elemento coordenador é quem dá a unidade global. Na literatura infantil, temos as novelas: Alice no País das Maravilhas, Aventuras de Pinóquio, Aventuras de Gulliver, e outros. E romance, apresenta um mundo organizado, compreendido em sua globalidade explicado pela lógica, da lei da causa e efeito. Personagens são aqueles que dão vida à ação, espaço é o espaço, lugar, tempo a duração da narrativa, linguagem ou

discurso narrativo, elemento que concretiza a invenção literária e por último leitor ou ouvinte, aquele que lerá ou escutará a obra literária.

A leitura é uma atividade mental bastante complexa que exige exercícios gradativos, de acordo com o nível de desenvolvimento do educando, e corresponde à capacidade de cada um de perceber a função de cada palavra na frase; da frase no parágrafo; do parágrafo no capítulo e deste no contexto global do livro. (COELHO, 1991, p.229).

A leitura faz com que o leitor, passe por várias etapas, com a ajuda da sua mente, para que a leitura seja algo compreendido é necessário a absorção de cada palavra, e por qual motivo foi usada no texto, e essa compreensão depende do ritmo individualizado de cada leitor.

O caminho da leitura passa por momentos diferentes, o de ler o texto e o de entendê-lo, qual a sua intenção, onde ele quer chegar, qual a mensagem que pretende passar. E nesse exercício mental do leitor, alguns fatores presentes se interligam entre si, como: o domínio da Língua, entendimentos de fatos reais e fatos da linguagem, que é a arte, e que são escritas com uma relação de uma história com a cultura de onde vem, sentimentos que vem da vida pessoal.

Coelho, pronuncia que o processo de aprendizagem, é árduo e sugere um “ projeto de trabalho”, que passa por várias etapas e que contribuirão para o aprendizado, na leitura reflexiva e interpretativa, o caminho percorre as atividades imitativas, descritivas e reproduzidas como no caso das paráfrases, resumos, dramatizações e outros, nas analíticas, observa-se o comportamento das personagens, a descoberta da situação problema, existência de estabelecimento de valores, a autora classifica a “ leitura horizontal” como uma leitura sem aprofundamento, o que acontece na “ leitura vertical” a que vai ao fundo e procura buscar o significado da obra.

Colocar o aluno em situação de uma experiência humana, na qual ele deve se envolver emocionalmente, em que pode se divertir, incentivar a observação e as análises do tema proposto. Fazer a leitura dos livros, onde são tirados os fragmentos de textos ofertados em sala de aula. Os desenhos que reproduzem as histórias lidas também fazem parte do processo de compreensão do que foi lido, assim como as dramatizações, teatros, dessa forma existe um envolvimento com o texto. Outra forma de reprodução da leitura, é exercício de reescrever a mesma história com personagens diferentes, estimulando a imaginação.

Na leitura vertical, serão analisados a estrutura da fabulação, que determina a ação e seu ritmo e na literatura infantil segue uma sequência com começo, meio e fim, porque a mente da criança necessita, de coisas claras e lógicas para melhor compreensão. Analisar as personagens, o espaço natural ou social, identificar os recursos narrativos e o tipo de linguagem, se é mais popular ou mais culta, qual o gênero, os valores ideológicos, a estrutura dos contos maravilhosos entre outros tópicos.

No próximo capítulo, intitulado Despropósitos, apresento a escritora Cecília Meirelles(2016), com a finalidade de explicar sobre as escolhas que podem ser realizadas para trabalhar a literatura Infantil.

## 2.DESPROPÓSITOS

Com seu colar de coral,  
 Carolina  
 ocorre por entre as colunas  
 da colina  
 O colar de Carolina  
 colore o colo de cal,  
 torna corada a menina.  
 E o sol, vendo aquela cor  
 do colar de Carolina,  
 põe coroas de coral  
 nas colunas da colina.

Cecília Meirelles conseguiu nesse poema retirar uma parte da vida da menina, transformadas em palavras, mantinha na sua escrita a pureza e a simplicidade da vida. Sobre a epígrafe despropósitos, em Manoel (1999), esse prefixo “des”, não tem função, Cecília e Manoel, contam da pureza, imaginação da criança, em que as coisas não precisam ter um propósito, porque a vida é o propósito, e cada um a vive da maneira em que acredita em busca da realização de seus sonhos.

Podemos observar na estrutura desse poema, um jogo de som e ritmo, de palavras com fonemas parecidos, as rimas estão presentes, mas aparecem aqui e ali, mas de uma forma natural e um pouco sem regras.

Note-se que o corpo verbal do poema se estrutura através do jogo-de-ressonâncias entre vogais orais ou nasais e fonemas consonantais laterais (la-al) ou fonemas vibrantes (ne,re,ro). A essencialidade do “jogo”, forma/fundo, é intensificada pela vogal “i” \_ presente apenas nos dois vocábulos-chave do poema: Carolina e o colina. (COELHO, 1991, p.216).

É importante ressaltar que Cecília Meirelles, criou a primeira biblioteca no Rio de Janeiro, em 1934.Cecília pensava ser importante a criação de bibliotecas, pois desde daquela época, não havia mais as amas e vovós para contar as histórias.

São as crianças, na verdade, que o delimitam, com a sua preferência. Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas leem com utilidade e o prazer. Não haveria, pois, uma Literatura Infantil a priori, mas a posteriori. (MEIRELLES,2016, p.15).

Segundo Meirelles(2016), a Literatura infantil, para ser assim classificada, depende do gosto e da aceitação das crianças, são elas que determinam, primeiro elas leem e se gostarem, será a sua leitura. No Brasil, no século XIX, havia livros infantis, mas não algo

que todas as pessoas tinham acesso, principalmente as que tinham menor poder aquisitivo. Escritores europeus como La Fontaine que escreveu o livro para Delfim da França, título dado ao herdeiro da coroa francesa, já os Contos de Perrault e os de Mme. d`Aulnoy, vieram da tradição popular e eram escritos para todas as crianças do mundo. Leia-se um conto de Charles Perrault, Contos de Mamã Gansa- As Fadas:

Era uma vez uma viúva que tinha duas filhas: a mais velha parecia-se tanto com ela em gênio e feições, que quem a olhava era como visse a mãe. Eram as duas tão desagradáveis e orgulhosas que ninguém podia viver com elas. A caçula, que era o próprio retrato do pai, pela doçura e gentileza, era uma das moças mais belas que era dado ver. Como, naturalmente, amamos o que nos é semelhante, aquela mãe era louca pela filha mais velha e, ao mesmo tempo, tinha uma terrível aversão pela caçula. Fazia-a comer na cozinha e trabalhar sem parar.

Era preciso, entre outras coisas, que essa pobre criança fosse, duas vezes por dia, buscar água a uma légua de distância da casa e carregar bem cheia uma grande bilha. Um dia, quando estava na fonte, chegou uma pobre mulher que lhe pediu água para beber.

“Pois sim, minha boa mulher”, disse a bela moça, e enxaguando depressa sua bilha, recolheu água no melhor lugar da fonte e ofereceu-a, sempre sustentando a bilha, a fim de que a mulher pudesse beber mais facilmente. A boa mulher tendo bebido, lhe disse: “Sois tão bela, tão boa e gentil que não posso me impedir de vos conceder um dom” (porque era uma fada que havia tomado a forma de uma pobre mulher de aldeia, para ver até onde ia a gentileza da jovem). “Dou-vos por dom”, continuou a fada, “que a cada palavra que disserdes, saia de vossa boca ou uma pedra preciosa”.

Logo que a jovem chegou à casa, sua mãe repreendeu-a por voltar tão tarde da fonte. “Peço-vos perdão, minha mãe”, disse a pobre menina, “de haver demorado tanto”. E ao dizer tais palavras, lhe saíram da boca duas rosas, duas pérolas e dois grandes diamantes. “Que vejo?” disse a mãe espantada, “parece que lhe saem da boca pérolas e diamantes. De onde vem isso, minha filha?”

(Foi a primeira vez que a chamou de “minha filha”).

Nota-se que, nesse conto, a moral que se deseja alcançar é a maneira como se trata as pessoas, principalmente quando são humildes, a moça bela, teve a paciência e a bondade de oferecer água do melhor lugar da fonte, observa-se a subserviência, fala-se da delicadeza na forma de se falar, comparado a belas flores e a pedras preciosas, que é importante fazer o bem, porque tudo que se faz nessa vida tem retorno e se fizermos coisas boas, tratarmos bem as pessoas, isso voltará para nós.

Meirelles aponta que Hans Christian Andersen, foi um escritor querido pelas crianças, seu pai costumava ler a Bíblia em voz alta para toda a família.

Andersen foi quem escreveu O Patinho Feio, uma história sobre um patinho feio, grande e desengonçado, que era maltratado por todos, mas com o passar do tempo cresceu e

se transformou em um lindo cisne. A mãe pata o protegia, mas mesmo assim ele sofria, até que um dia de muito frio, voou até três grandes cisnes que estavam em um lago, acreditava que seria rejeitado, então apontou sua cabeça para a água, e o que no reflexo da água foi a imagem, que não era de um pato feio, mas sim de um sublime e encantador cisne.

Andersen, com sua ideologia, e sua maneira de ver o mundo, é um escritor interessante para ser apresentado ao público infantil.

Um dia, também, o menino, graças a umas vizinhas, veio a ter notícias de Shakespeare. Grande acontecimento, na verdade. O gosto pelo teatro, que possuía por natureza, pois desde de muito cedo se ocupara de teatro de bonecos, as sugestões de Shakespeare e a linguagem da Bíblia originaram - segundo ele próprio conta - uma das suas primeiras tragédias, - composição infantil de grandes rasgos... ( MEIRELLES,2016, p.25).

Envolvido com o teatro, Andersen em sua segunda peça, gostaria de colocar em cena um rei, mas tinha dificuldade para saber como fala um rei, em sua concepção, um rei deveria ter um idioma diferente do povo, pesquisou com as pessoas da aldeia, mas nunca haviam ouvido sobre um rei, então, com recurso de um dicionário poliglótico, ele escreveu palavras, dinamarquesas, inglesas, francesas e alemães, na antemão da criação das línguas volapuk e do esperanto, duas línguas artificiais e sem verbos irregulares.

A contação de histórias é uma prática de muitos anos atrás, a arte de se comunicar um ao outro e de forma coletiva, Meirelles (2016, p. 29) afirma:

Porque essa literatura primitiva começa por ser utilitária. A princípio, utiliza a própria palavra como instrumento mágico. Serve-se dela como elemento do ritual, compelindo a natureza, por ordens ou súplicas, louvores ou encantações, a conceder-lhe o que mais importa, segundo as circunstâncias, ao bem-estar humano.

Um bom contador de histórias conta com os recursos de uma boa memória, interpretação, entonação da voz, as várias caras e bocas, a literatura oral presenteava, filhos, amigos, a união da família que se reuniam para se contar sobre a vida, as pessoas, os negros, os índios, o príncipe, o plebeu, o mundo e a humanidade se aprendia em ouvir as histórias.

A invenção da imprensa, não substituiu os contadores, porque teve e sempre terá um papel importante, porque bem antes da existência do livro, as literaturas orais estavam presentes na cantiga da mãe, os causos contados pelos nossos avôs, tios, nas adivinhações dos interessantes o que é? o que é? tudo isso veio antes de se aprender a leitura propriamente dita.

O livro vem suprir essas ausências. Tudo quanto se aprendia por ouvir contar, hoje se aprende pela leitura. E, examinando-se boa parte dos livros – ainda os melhores – que as crianças utilizam, aí encontramos as histórias da carochinha que pertencem ao tesouro geral da humanidade: as Mil e uma noites, as grandes narrativas que embalaram a antiguidade, como essa do Marinheiro Sindbad, - os contos que Perrault, Mme.d’Aulnoy, os irmãos Grimm recolheram, histórias vindas de outras coleções, fragmentos de epopeias,mtudo se comprime nesses livros, aproximando tempos e países, permitindo o convívio unânime dos povos, em poucos volumes... (MEIRELLES,2016, p.31).

Hoje, nossas crianças são carentes de pessoas que contam sobre a vida, da magia, da fantasia, do suspense, das assombrações, porque infelizmente, corre-se atrás de um mundo que está muito, mas muito distante de nós, e assim a humanidade caminha de uma maneira que nunca consegue, fazer tudo o que se precisa fazer e ganhar tudo o que se precisa ganhar. Felizes daqueles que tiveram a oportunidade de viver nesse tempo, onde as pessoas tinham tempo para contar sobre as coisas para as, crianças e os adultos, uma experiência rica, em que as pessoas estavam com seu corpo, a sua voz e a sua mente no mesmo lugar.

Eram as fábulas, mitos, músicas de ninar, teatro, que ocupavam o lugar do livro, dessa forma era estabelecido certos valores, tudo feito pela oralidade, com a força da palavra e a sabedoria daqueles que as pronunciavam aos ventos, mas houve a necessidade de se registrar, essas conversas, os que eram chamados “copistas” a disposição da nobreza ou das igrejas, porque a moralidade de que se tratava seria um objeto importante para a educação.

O ofício dos copistas foi substituído pela invenção da imprensa, que veio contribuir com o progresso e a propagação da cultura, histórias da Bíblia, poderiam ser lidas, estabelecendo o conceito cristão nas pessoas.

A literatura oral exerceu uma função civilizadora e depois se perpetuou assim como as fábulas de La Fontaine:

[...] e pareceu-lhe que encerravam ensinamentos morais dignos de príncipes. Aplicouseu formoso talento a pô-las em verso. Passara uma boa parte de sua vida emcontato íntimo com a natureza, o que decerto lhe aguçaria a sensibilidade parainterpretar essas verdades que a solidão e a sabedoria distinguem latentes numa folha de árvore, num animal que passa, numa pedra imóvel ao tempo. (MEIRELLES, 2016, p.41).

Nota- se em sua escrita uma história contada de alguém que sabe contemplar, as condições humanas e a tranquilidade inspiradora que absorvia na natureza e repassava em seus versos. La Fontaine escreveu:A Moça e o Pote de Leite

Perrete, tendo sobre sua cabeça um pote de leite, pretendia chegar sem demora à sua cidade. Rápida e com roupa curta, ela ia a grandes passos,

tendo posto naquele dia uma saia simples e sapato baixos. Nossa leiteira já pensava em quanto ganharia com o leite e como empregaria o dinheiro. Comprava cem ovos: com sua diligência tudo ia muito bem. É fácil, dizia ela, criar os frangos em torno de casa. Mesmo que a raposa seja bastante hábil, eu ainda poderei comprar um leitão. Ele era quando eu o comprei de um tamanho razoável: obterei ao revendê-lo dinheiro belo e bom. E quem me impedirá de trazer para nosso estábulo, visto o preço que está, uma vaca e seu bezerro que eu verei pular no meio do gado?

Perrete, a esta altura, pula também, transportada: o leite cai, adeus bezerro, vaca, leitão, frangos. A dona destes bens, desapontada, vai-se desculpar com seu marido, receosa de apanhar.

Esta narração em farsa foi feita  
E foi chamada O Pote de Leite,  
Que espírito não ganha a guerra?

Quem não constrói castelos em Espanha,  
Picrocole, Pirro, a Leiteira, enfim todos, sejam sábios ou tolos,  
Todos sonham acordados, não há nada mais doce.  
Um doce errar leva então nossas almas.  
Temos todos os bens do mundo, todas as honras, todas as mulheres.  
Quando estou só, desfio o mais corajoso.  
Destrono o Sofi. Sou leito rei meu povo me ama.  
Chovem diademas sobre minha cabeça.  
Qualquer acidente faz com que eu volte a mim mesmo:  
Sou João Ninguém, como dantes. (COELHO, 1991, p.91,92)

Essa fábula mostra que todos sonham, planejam ser reis, ganhar muito dinheiro, e que isso é um exercício doce para nossa humanidade, é importante para o homem sonhar, almejar coisas que talvez nunca venha a ter, temos essa capacidade de reinventar uma vida diferente de sair dos nossos corpos e assumir uma outra personalidade.

Literatura tradicional, apresenta uma característica significativa, é sobre as experiências de vida que pode ser a mesma, mas tem diferenças regionais, ou seja, dependendo do local, onde ocorreu a história, ela tem sua especificidade. Por meio dessa literatura que é passada de geração a geração, as pessoas encontrarão e se surpreenderão com a semelhança existente entre os outros povos. “Esse manancial profundo que a todo nos alimenta não constitui apenas uma riqueza, mas um milagre, quando se pensa na facilidade que daí advém para as relações humanas. É um humanismo básico, uma linguagem comum, um elo entre as raças e entre os séculos.” (MEIRELLES, 2016, p.46).

A literatura tradicional é o primeiro contato da criança, mesmo antes de ser alfabetizada, e assim,

Por esse caminho, recebe a infância a visão do mundo sentido, antes de explicado; do mundo ainda em estado mágico. Ainda mal acordada para a realidade da vida, é por essa ponte de sonho que a criança caminha, tonta

donascimento, na paisagem do seu próprio mistério. Essa pedagogia secular explica-lhe, em forma poética, fluida, com as incertezas do empirismo, o ambiente que a rodeia, \_ seus habitantes, seu comportamento, sua auréola. (MEIRELLES, 2016, p.50).

O conhecimento que vem da vivência, a criança precisa do contato e da exploração do maravilhoso, é dessa forma que ela vai caminhando e aprendendo sobre si mesmo, sobre as pessoas e todas as outras coisas que a rodeiam, por isso é tão importante contar para elas sobre o mundo e sobre os seres que habitam nele. As histórias que nossos avós contavam, com tanta riqueza de detalhes, essa é uma experiência que traz conforto para a alma humana, desperta as sensações, o ouvir, imaginar e viajar com pouca bagagem no início dessa viagem, e no final com a mala cheia de esperança e com um olhar diferente de se ver a vida.

## 2.1 AS PRIMEIRAS LEITURAS

Inúmeros exemplos que se relacionam com as primeiras leituras reforçam a importância do problema do livro infantil. Muitos deles chegam ao nosso conhecimento apenas porque se trata de pessoas que alcançaram a celebridade e, mormente quando são escritores, que, no relato de sua vida, aludem a essas primeiras emoções. (MEIRELLES, 2016, p. 74).

O primeiro contato com a leitura pode deixar marcas eternas na criança, o que foi lido ou foi escutado, despertando as primeiras emoções, encantamentos, como também orientações para futuras profissões, primeiros passos de seu caminho. Pessoas mais simples, talvez não tenham o contato com as leituras na sua infância, não impossibilitando que haja as influências exteriores.

Infelizmente, do homem comum, pouco se sabe. Nem todos têm sensibilidade para recordar essas primeiras experiências da infância. Por lamentável que seja, não se pode negar que muita gente vive o resto da vida como se nunca tivesse sido criança: “começam “na adolescência, na mocidade... Haverá os que não começam nunca... (MEIRELLES, 2016, p. 74-75).

Questionamentos como se o mesmo livro é para todas as crianças? Existe um herói ideal? O que se sabe é que o mesmo livro pode provocar emoções diferentes em cada criança que os lê. Os tipos de heróis, podem ser como os religiosos que prezam pela santidade com virtudes de bondade, humildade, empatia, altruísmo e outros sentimentos que levam à santificação. Nos contos de fadas por exemplo, os heróis contam com a ajuda de forças de superação diante as dificuldades da vida, e geralmente são personagens com traços semelhantes das crianças e dos adultos.

O herói ocidental tem qualidades como lutador, que corre atrás de seus objetivos, um traço marcante em sua personalidade, é a humanidade, o enfrentamento dos monstros, exploração das matas e suas habilidades técnicas. Histórias de homens fortes que existiram é uma contribuição riquíssima para a formação das crianças, porque por meio de suas lutas, construíram uma vida que merece respeito.

Ora, se no livro infantil pode morar o exemplo que modelará o jovem leitor, \_ que exemplo lhe devemos oferecer? que homem desejamos que venha a ser, quando se cristalizar a sua formação, e no tempo em que tiver de atuar? A pergunta parece grave em crises de civilização como a que atravessamos. Os valores do presente não são os do passado. Poderão ser os do futuro? (MEIRELLES, 2016, p.77).

Os valores dos homens mudaram muito, hoje os homens carregam em si uma inquietação, uma busca acelerada e desenfreada, que nem mesmo ele sabe ao certo, onde quer chegar, muito menos dos valores que querem passar para às crianças. O século XIX, propagou em seus livros clássicos a “fé e a esperança”, século XVIII a descoberta da “ciência “, que logo foi compensada pela busca da “felicidade terrena”, essa luta foi marcada pelo Romantismo, e seus gritos foram silenciados pelo confronto da realidade em que colocavam o homem frente a frente aos seus problemas.

O século XX respondeu de maneira lúgubre a essas ansiedades. Respondeu com a voz das maiores guerras da História; a todos os instrumentos que a humanidade parecia ter à sua disposição para tornar-se próspera e feliz foram utilizados exatamente para causar-lhe as mais atrozes desgraças. Os tipos de desinteresse e bondade foram arrastados. Os tipos de desinteresse e bondade foram arrastados nessa enxurrada ciclópica, e reduzimos a destroços. No desastre geral, o instinto de salvação concentrou-se no indivíduo; mas onde se procurou generosidade só se encontrou egoísmo. Os puros passaram por inúteis, e os delicados por pusilânimes. (MEIRELLES, 2016, p.78).

Refletindo sobre as questões de Soares (1991) “Será a leitura esse ato solitário que afasta o mundo e do mundo? O isolamento, o mundo ausente, espaço/ tempo de incontaminada intersubjetividade?” Soares responde assim

Não. Leitura não é esse ato solitário, é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros; entre os dois: enunciação; diálogo? (SOARES apud ZILBERMANN, 1991, p. 21).

O ato da leitura aparentemente é um exercício solitário, mas a interação com o texto e a relação que está sendo construída com o escritor e seus colaboradores, transforma-se em um diálogo, trocas de ideias, opiniões, ora compartilhadas e ora embatidas, e isso movimento é tanto externo como interior, a prática da leitura, é como todos os aprendizados, é necessária disciplina, dedicação, persistência tanto fisicamente como psicologicamente. Por meio do ato de ler, percebe-se que mudanças acontecem no seu corpo e principalmente na sua cabeça, como disse Arguelho (2017), em uma fala casual “A leitura impede que os jovens usem drogas”, concordo plenamente, porque a literatura, proporciona uma sensação alucinógena e que te dá prazer, e ele permanece, despertando a necessidade do “diálogo”, por que qual a graça de ler um livro, se não pode contar a história que leu?

Osakabe (1982) indica que a leitura é um instrumento que tem um valor diferente, para as classes sociais, por exemplo, as classes mais pobres, tem a leitura como um instrumento que fará com que a pessoa tenha uma condição de vida melhor, já nas classes mais ricas, a leitura possibilitará “uma alternativa de expressão, de comunicação”, para que a pessoa possa dialogar melhor, expressando seus pensamentos, ideias, convicções, não apenas como uma condição imposta pelo mercado de trabalho.

Em nossa sociedade capitalista, reforça-se essa diferenciação do valor da leitura para dominantes e dominados, pois ela confere à escrita “um papel discriminativo “que pereniza os privilégios: para os dominados, o valor do ler-escrever é um valor de produtividade e não um valor de produtividade e não um valor que afirma o sujeito e lhe franqueia a diversidade de conhecimento. (OSAKABE in ZILBERMAN, p. 22, 1982).

Em Zilberman (1983), “o fenômeno da desapropriação do discurso, experimentado pelas massas compulsoriamente alfabetizadas”, as classes dominantes usam da escrita, para escrever discursos da verdade, onde posicionam suas convicções, para serem absorvidas pelas classes dominadas. Com isso, a classe dominada abre mão do seu saber, por não saberem escrever retoricamente, usando belas palavras, mesmo que nunca as tenham sentido, nesse exato momento é que se mata a escrita de um aluno

Mas que ideia criatura! Colocar no quadro redações isso! Você não sabe que para lá vão os melhores trabalhos? E você vem com isso? Qual? Espontaneidade, dor, sofrimento? Ora, do que precisamos é retórica: belas imagens, estilo convencional, formas de emoção. É o belo, menina, o belo! Qual! E você tão inteligente. Rasgue isso: é o melhor que tem a fazer. (...) (apud ZILBERMAN, p.23, 1991).

Triste realidade, e depois não sabem o porquê do fracasso nas redações, na dificuldade de interpretação, em todos os segmentos de ensino, não somos estimulados para a leitura da literatura, porque nos é colocado como algo intangível, o livro é um instrumento que só os ricos têm acesso, e os escritores? Como deuses, seres intelectualizados, letrados, que as pessoas mais simples, tem medo de abrir a boca, e de escrever, mas a incapacidade da escrita, é fruto de professores que castram o conhecimento genuíno que cada aluno traz consigo, independente da sua classe social.

“Ao povo permite-se que aprenda a ler, não se permite que torne leitor” Zilberman (1991), ou seja decodificar o código, mas não lhe permite entender, compreender o que está escrito, e muito menos escolher uma literatura que lhe dê prazer, que lhe abra os olhos da mente, é muito mais fácil “adestrar” um ser humano, do que mostrar o caminho a ser percorrido com autonomia, conhecimento, criatividade, liberdade de expressão, dignidade, sem que suas ideias, suas paixões sejam ceifadas brutalmente e grotescamente. Em um mundo que a guerra dos egos, o ter, predomina e reina soberanamente. Existe espaço para a arte? Onde falam que a literatura é lixo? E que a colocam no lixo, para que seja uma ciência morta. Em Zilberman, Osakabe (1982), afirma que:

Não será por acaso, porque o domínio de uma leitura que signifique “o acesso ao conhecimento diferenciado, aquele que permite ao leitor reconhecer sua identidade, seu lugar social, as tensões que animam o contexto em que vivem ou sobrevivem, e sobretudo a compreensão, assimilação e questionamento seja da própria escrita, seja do real em que a própria escrita se inscreve (OSAKABE 1982).

Em Zilbermann ( 1991), a leitura na sociedade capitalista, há uma distinção, nas classes menos privilegiada, a leitura é ato mecânico, lê-se os códigos, como instrumento pragmático no sentido de produtividade, ou seja, ensinar o cidadão trabalhador a ler para o trabalho, já o suficiente, ele não precisa ter acesso ao lazer, como cultura, arte, só precisa trabalhar sem pensar muito, apenas saber ler para operar uma máquina, que muitos vezes vem com desenho, para ligar e desligar, assim como é com sua vida, acorda cedo, pega ônibus lotado, bate o cartão, almoça sua marmitta fria e volta para trabalhar, e chega a hora de voltar para casa, quanto tempo desperdiçado em seu trajeto, assisti sua televisão, fala sobre as novelas, ou programas sensacionalista, e qual a hora que ele se permite, ler um livro, escutar uma boa música, brincar com os filhos, conversar com seus pares?

Na classe mais privilegiada, o cenário é outro, começa com sua boa casa, seu carro, que facilita e poupa o tempo de sua locomoção, nesse momento, pode-se ouvir boas músicas, selecionadas conforme seu gosto musical, ar condicionado, suas roupas limpas e passadas, e possivelmente um trabalho que gosta de fazer, porque teve a oportunidade de se preparar para o mercado, com sua formação em boas escolas com bons professores, sem falar na dignidade que deveria ser valor intrínseco a qualquer cidadão de bem.

A leitura, usada como um instrumento de poder, usada para subordinar uma classe de gente simples, trabalhadora, que luta com as armas que tem para sobreviver, nesse sistema cruel, que nos faz refletir, será que fomos abolidos mesmo? Ou apenas tiraram as correntes das pernas e das mãos? Mudou-se o contexto, mas será que ainda não estamos aprisionados, com a sensação de sermos livre?

Em Silva (2011), a leitura sempre foi um objeto de preocupação dos educadores e dos psicológicos, no sentido dos processos mentais complexos demais e que necessitam de uma pesquisa profunda em busca de metodologias para sua prática em âmbitos escolares. Para os psicólogos, “a percepção” das palavras é o foco de preocupação, no reconhecimento da palavra, na sua diferença e no seu significado. Indica que

As pesquisas orientadas para o reconhecimento das palavras indicam que entre os bons leitores a forma total das palavras, assim como suas partes ou pormenores, atuam diretamente nesse processo. Dessa forma, a crença é de que, no caso da leitura fluente, a forma geral e o contorno de uma palavra constituem bom índice visual para o reconhecimento. O contexto no qual a palavra se situa equilibra o reconhecimento unitário e o reconhecimento das letras é feita a partir das palavras conhecidas. (SILVA, p. 16, 2011).

E nas palavras novas, as letras serão reconhecidas por meio das palavras que já são familiarizadas pelo leitor, para os pesquisadores de leitura, o caminho da aprendizagem se dá partindo das frases, depois das palavras e por fim as letras. Ainda em Silva (2011), as pesquisas demonstram as seguintes sequências:

- Contorno vagamente percebido;
- Partes específicas ou dominantes ou dominantes;
- Imagem auditiva estimuladora ou imagem kinestésica;
- Surgimento do significado;

As crianças que foram pesquisadas, apresentam dificuldades na linguagem, “tem também dificuldade para diferenciar figura e fundo”, e assim tendo dificuldade em reconhecer e reproduzir as minúcias que formam a harmonia estrutural da forma.

Para Silva (2011), “para que o hábito da leitura se desenvolvesse seria necessário que as escolas e as famílias brasileiras permitissem o acesso ao livro”, as escolas precisariam ter bibliotecas e acesso livre.

Na escola de educação básica, no conjunto Coopatrabalho (MS), em que fiz uma pesquisa de campo sobre leitura, não tem biblioteca, os alunos têm acesso a livros paradidáticos que são fornecidos todas terças-feiras que podem ser levados para casa para serem lidos, e depois devolvidos na próxima quarta-feira, ao final do mês, o aluno que ler mais livros, tem seu nome escrito em mural na escola, classificados em primeiro, segundo e terceiro lugar, e também os classificados são presenteados com dois bombons e pirulitos, e para não constranger as outras crianças que não leram, a gentil professora que está afastada da docência por problemas psicológicos, o discurso da esforçada professora é assim: “\_ A leitura é muito importante, porque ela abre a nossa cabeça para um mundo melhor.” Não sei exatamente o que essa frase representa e significa para as crianças, me colocando em seus lugares, posso imaginar que a leitura nos deixa com a cabeça aberta, algo assustador, imaginar-se andando por aí com a cabeça aberta, tirando essa infeliz metáfora, o fato de presentear uma criança com guloseimas pelo fato de ter lido.

E novamente questiono, qual a graça de se ler um livro, se não podemos contá-los? Porque a leitura, promove o prazer, estimula a nossa criatividade, nossos sentidos, imaginação e o diálogo, uma pessoa que lê, sempre tem o que falar. Nessa mesma sala de aula, tem um menino K. de 11 anos que ainda não aprendeu a ler, e na conversa que tive com a professora, ele não aprenderia, e reprovaria novamente. Acompanhando K. nas aulas de português, que é de copiar os textos do livro com as páginas marcadas no quadro pela ilustre professora, observei que desconhece todos os sinais ortográficos, parágrafos, letras maiúsculas, e sílabas ditas mais complexas como nha, lhe, e assim em diante. Simplesmente copia as páginas do livro, sem saber nem ao menos o que está escrevendo.

Em outro caso, P. de 9 anos, também não sabe ler, e conseqüentemente não sabe escrever, não copia do quadro, porque não identifica a letra cursiva, escreve seu nome com dificuldade. A pedido da professora, os alunos deveriam levar palavras encontradas no dicionário para fazer um “jardim das palavras”, a maioria dos alunos não fizeram porque não tinham dicionário. A proposta do planejamento da professora era boa, mas a dificuldade para execução era muito grande. Primeiro que a professora, quase não consegue dar aula, porque a indisciplina é um fator que contribui para o fracasso da aula e segundo porque a turma não é receptiva.

Concordo com Silva (2011), quando diz que

A situação da leitura no Brasil é bastante contraditória: convivem, lado a lado, a preparação “carente” do professor de leitura e as recomendações irrealistas das autoridades educacionais. A política é a do “deixa como está para ver como fica” aumentando dia a dia o volume da crise. Com isto em mente, pergunta-se: será que os cursos de preparação de professores não deveriam dar mais atenção ao ato de ler como parte integrante e fundamental da educação dos alunos? Será que as recomendações governamentais não deveriam atingir o nível das ações concretas? (SILVA, p.41, 2011).

Por meio da leitura o ser humano se coloca em uma condição especial, que pode usufruir dos bens culturais escritos, que são os “livros”, que são recursos para o conhecimento, as pesquisas e para sua formação enquanto um ser pensante. Silva (2011), ressalta que “o problema é que, no caso brasileiro, os chamados meios de comunicação de massa têm servido às elites dominantes, inculcando e reforçando a ideologia por elas produzida.” Mas, que em sua maioria a programação da televisão e do rádio, ainda depende da “palavra impressa”.

Nessa mesma linha de pensamento da importância da escrita, Lisboa (1977), afirma que [...] “a letra impressa está sempre disponível. Além disso, esta dispõe de uma credibilidade de documento, podendo ser consultada, exibida e guardada. [...]”

Ainda, em Silva (2011), [...] “é importante lembrar que todo professor, por adotar um livro ou mesmo por produzir ou selecionar seus textos transforma-se, necessariamente, num corresponsável pelo ensino e encaminhamento da leitura[...]” ou seja, que todo professor que aplica um texto de qualquer literatura tem a responsabilidade de orientar seus alunos na prática da leitura, não só os alfabetizadores e de “Comunicação e Expressão”.

O problema de despreparo do professor propõe-se como um paradoxo: são raras as faculdades ou universidades brasileiras que oferecem cursos na área de Psicologia e/ ou Metodologia da Leitura\_ o assunto parece se resumir aos diferentes métodos de alfabetização em que são treinados os futuros professores das primeiras séries do 1º grau (como se a leitura abrangesse apenas um processo limitado de alfabetização, isto é, decifração do código) (SILVA, p. 38, 2011).

O fato é que a problemática de que, por que os alunos não estão aprendendo a ler? Existe, ler no sentido de não apenas decodificar o código, mas de entender, apreender e compreender o texto, porque estamos no século XXI, e ainda ficamos nessa mesmice de

aprender ler e contar para fins do trabalho, o que incomoda é a ausência da leitura em sua íntegra nas escolas e na vida como um todo.

Silva (2011) ressalta que nos Estados Unidos foram publicadas 1588 pesquisas na área de leitura no período de 1975-1977, veiculada por apenas uma revista, especializada no tema. Enquanto no Brasil, levantamentos de dados feito pela pesquisadora Aparecida Joly Gouveia, apontam 50 pesquisas sobre leitura, voltadas principalmente para a alfabetização, ou seja, o fenômeno da leitura no Brasil, ainda é uma incógnita.

Por exemplo, no nível universitário, onde estão presentes e mais diretamente relacionadas com pesquisas bibliográficas e discussão de textos, ainda não houve nenhum inquérito sistemático e significativo que enfocasse a natureza do aluno-leitor e/ ou a natureza dos livros a eles apresentados. Por outro lado, é comum ouvir dizer que a produção e circulação de livros neste país é regida por critérios de vendagem tradição e modismo, e não pela quantidade de suas informações. (SILVA, p. 53, 2011).

Nas palavras de Smith (1978), [...] “As escolas estão frequentemente identificando os seus próprios problemas; poucas pesquisama solução para esses problemas. ” No Brasil, ainda existem poucas pesquisas sobre o fenômeno da leitura, em todos os segmentos de ensino, essa deficiência é carregada pelo aluno até ao ensino superior, onde serão cobrados que leiam e que escrevam, ignorando o fato que são frutos de um ensino precário, que se preocupa com a alfabetização, mas que pouco contribui para que sejam leitores de fato.

A escassez de pesquisas sobre a leitura no Brasil, também enfrenta entre ou outros motivos, a falta de bibliotecas como deveriam ser conforme a lei (Decreto estadual nº. 32.056, 30.04.1958), e com a presença de um bibliotecário de formação e atualização de acervo. E como desenvolver “o hábito da leitura” se falta o acesso ao objeto principal nessa prática que é o magnânimo livro? Reflitam na questão de Silva (2011).

Diante desse quadro, vê-se que a problemática da leitura se apresenta como um enigma. Um enigma que não oferece pistas dadas pela pesquisa e nem condições estruturais concretas para a sua resolução \_ o que é paradoxal, devido à crise da leitura que atravessa o país. Ou será que não desenvolvimento ou regressão na área da leitura atende a determinados interesses de denominação? (SILVA, p. 56, 2011).

Fenômeno, segundo o dicionário, é uma palavra grega (*phainómenon*), que significa qualquer acontecimento, ler (lat.*legere*), conhecer, interpretar por meio da leitura,

baseada nessas definições de conceitos, entende-se que a leitura seja um acontecimento, um fato. E a leitura seria identificar os signos, desenhos, letras e decodificá-los, ou seja, torná-los legíveis, assim como eram as pinturas nas cavernas, assim como é a escrita japonesa, chinesa, árabes e outras.

Pensadores sobre modelos clássicos a leitura, propõe suas teorias, como Holmes (1954), que a leitura seria um processo com fatores, de relacionar o funcionamento do cérebro com a leitura, ou seja, para que a pessoa aprenda a ler, precisaria percorrer por caminhos, como o “agrupamento de células cerebrais” e suas habilidades. Em Smith e Carrigan (1959), propuseram que o ato de ler, seria fundamentado em considerações neurológicas, ou seja, o aprendizado da leitura, depende “transmissões sinápticas”, que seria as conexões neurais, no caso das crianças que apresentam dificuldade em aprender a ler, se deveria ao fato de possuírem “transmissões sinápticas defeituosas”, o desequilíbrio delas no cérebro. Gray (1960), apresentou a ideia, que o processo da leitura, desenvolvesse em vários momentos, como o de reconhecer “a palavra”, compreendê-la e o retorno do que leu, sua opinião crítica. Em Spache (1963), baseou seus estudos de Joy P. Guilford que indicava um estudo sobre a “célula semântico, percorrendo trinta habilidades para a leitura, partindo do reconhecimento de informações até a formação crítica do leitor. Estudiosos de várias áreas como psicólogos, psicolinguísticos, filósofos, todos com um único objetivo, entender quais os movimentos que o ato da leitura percorre no homem.

## 2.2 A BUSCA PARA O DESVELAMENTO DO ATO DE LER

No trajeto de investigação do processo sistemático do ato de ler, deve ser levado em conta, que estudo de uma habilidade exclusivamente humana, para isso, recorrem-se às áreas como ontologia, hermenêutica, comunicação e psicologia da educação, para que juntas consigam estudar a problemática do ato de ler, independente da área, o contexto é a educação no sentido de ensino de fato, não se trata de uma guerra de títulos, mas sim de uma busca, que se faz necessário a união de todos, inclusive da família, estado, para que ao menos, tratemos com mais seriedade essa crise que se instala no Brasil, que vem permeando e percorrendo por muito tempo. Silva (2011), reforça sua posição

Vale repetir que não se trata de um trabalho de cunho filosófico\_ as contribuições da Filosofia têm por objetivo situar o tema da leitura dentro de um quadro mais amplo ou, ainda, dentro de um quadro geral mais rigoroso e

consistente. Neste caso, ultrapassar os limites da Psicologia significa perscrutar uma estrutura mais global a fim de enriquecer a explicitação do fenômeno da leitura. (Silva. p.69,2011).

Ler como um ato de consciência, ou seja, um ser pensante, uma habilidade que só o homem é capaz de fazer, para que se entenda isso, “[...] A circulação de sentido entre os homens é sempre levada através de expressões sgnicas, presentes em diferentes tipos de linguagem: oral, escrita, musical, corporal...”. O homem possui o pré-requisito que é a compreensão linguística nos aspectos denotativo e conotativo, esses fatores, permitem a ele entender o “significado” das coisas do mundo, podendo expressá-las por meio da linguagem.

Silva (2011), lembra que[...] “a oralidade é o universo de referência da escrita, embora ela não “fixa” a linguagem oral, a transforma profundamente\_ o próprio autor, ao acabar de escrever seu texto morre como autor e transforma-se, ele próprio, num leitor [...]. De fato, isso acontece, por isso o fato de aprender a ler, introduz a um mundo diferente “daquele em que a oralidade se instala e organiza”.

A leitura (ou a resultante do ato de se atribuir um significado ao discurso escrito) passa a ser, então, uma via de acesso à participação do homem nas sociedades letradas na medida em que permite a entrada e a participação no mundo da escrita; a experiência dos produtos culturais que fazem da escrita; a experiência dos produtos culturais que fazem parte desse mundo só é possível pela existência de leitores( SILVA, p.74, 2011).

Um ser (homem) falando com os outros, falando sobre isso, para que entendamos algo, nesse caso “o ato de ler”, o raciocínio parte da ideia de que para apreender algo, há a “intencionalidade da consciência” ou a “direcionalidade” para o objeto. (Visée de la conscience) em Ponty (1972), foi um filósofo, psicólogo e fenomenólogo francês, sua filosofia revelava o ser humano como o ser ao mundo, a consciência, somente seria percebida pelo corpo em movimento, ou seja, “somos ativos no mundo”.

O fenômeno que aparece na reflexão é o objeto intencional da intenção, sobre o qual eu penso, o qual eu percebo, do qual eu tenho medo etc.. Toda a experiência é assim caracterizada não só pelo fato de que é uma consciência, mas também simultaneamente determinada pelo objeto da intenção da qual é uma consciência. (SILVA, p.76, 2011).

Na fenomenologia, ocorre quando “[...] A busca constante de minha existência e, portanto, de minha inserção no mundo é movida por atos que me colocam na situação de confronto com diferentes horizontes de significados[...]” (SILVA, 2011). Quando a pessoa fala, escreve, comunica-se, ela interage com o outro, relaciona-se com as coisas do mundo, esse movimento é a linguagem e por meio dela tem as experiências e a inclusão no mundo cultural, assim como nas poesias cantadas por pessoas não alfabetizadas, feito pela oralidade a priori, como eram muitas, e impossíveis de decorá-las, surge a necessidade de registrá-las, para que não se perdessem, essa prática era financiada pelos “mecenas” uma espécie de patrocinadores da arte, principalmente os reis.

O mundo se me abre em forma de horizontes de conhecimentos, cada um deles pede a minha presença, a minha participação. É a penetração consciente nesses horizontes que garante o caráter ontológico de minha existência; emergo como sujeito, sou à medida em que me situo conscientemente nos objetos que compõem os horizontes com os quais me defronto. (SILVA, p. 77, 2011).

Entende-se que o homem está no mundo, é um ser do mundo, logo, precisa interagir com as coisas mundanas, abrindo-se um leque de ideias, pensamentos, sentimentos, ações em todos os sentidos da vida, o homem recebe todas essas informações, assimila ou não, e toma uma posição, caminha junto ou contra o sistema instalado, essa capacidade é inerente ao ser homem.

Sobre essa pergunta de Silva (2011), [...] “É possível que uma mensagem escrita aponte novas possibilidades de existência para o homem? [...] “Para essa resposta Silva recorre a Coreth (1973, p.43) que dizia:

[...] nosso mundo, a saber, o todo do nosso horizonte de compreensão de cada uma das coisas, é sempre um determinado “ mundo linguístico”, ou seja, um mundo aberto pela linguagem, linguisticamente interpretado, linguisticamente mediado, e isso numa língua sempre determinada, historicamente recebida por tradição, língua em que crescemos, em que vivemos e pensamos e na qual se realiza a nossa compreensão.

Zilberman (2008) informa que a literatura nasceu na Grécia antiga, e tinha o nome de “poesia”, como um entretenimento para os nobres, entre uma guerra e outra. Na época a poesia era declamada por profissionais da palavra, soldados, que passou para aristocracia, que preferiam a paz. Poemas épicos como *Ilíada* e *Odisseia*, talvez surgiram nessa transição da

sociedade, mas o motivo porque permaneceram não se explica. Eles representavam para os gregos, o que a Bíblia significava para os hebreus, onde era explicado sobre os helênicos, mostrando a diferença de homens e deuses. Zilbermann (2008, p. 17) aponta que:

a poesia assumiu desde cedo propensão educativa, prova-o o fato de Pístrato, modernizador da sociedade ateniense durante o século VI a.C., ter organizado os concursos de declamação das epopeias; com isso, reconheceu que elas ofereciam ao povo padrões de identificação, imprescindíveis para ela se perceber como uma comunidade, detentora tanto de um passado comum quanto de uma promessa de futuro, construindo uma história que integrava os vários grupos étnicos, geográficos e linguísticos da Grécia.

Nos tempos de hoje, instala-se o fenômeno da crise do ensino da leitura, e sobretudo da sua importância, o fato é que essa crise existe, e que a literatura precisa se impor e lutar para não ser extinguida, e como fazer isso? Ora, se um dos motivos da crise, é o fato dos alunos não lerem e também pela falta do conhecimento do acervo literário brasileiro. Então, podemos entender que hoje a principal função da literatura nas escolas, é a formação do leitor. Ainda, acompanhando o raciocínio de Zilberman (2008) a leitura, permite ao leitor, a possibilidade de elaborar um mundo coerente e compreensível, portanto, racional, acompanhado da fantasia, que forma suas imagens subjetivas na comunicação do leitor.

Pensando no fato, que a leitura, promove o diálogo, território onde germina novas ideias e a interação social, não sobrando espaço para a guerra dos egos, a priori a leitura é uma atividade solitária, mas que a posteriori faz um movimento ao contrário, ou seja, quando a história lida é contada e compartilhada, torna-se igualitária.

Sendo por meio da leitura que se promove a literatura, logo entende-se, que o ponto de partida, é o exercício dela, ou seja, como a escola é o lugar que mais proporciona essa prática ou ao menos deveria, no sentido de proporcionar o aluno a conhecer sua história, do Brasil e dos outros países, enfim da vida humana e também de outras vidas. Esse fato, confirma a máxima que a leitura é mais importante do que a escrita, embora sejam indissociáveis, ou seja quando se torna um leitor nasce um escritor e depois morre o leitor.

A poesia de Manoel de Barros( 1999), em seu conto “ O menino que carregava água na peneira”, uma obra que desperta na criança, o imaginário, com imagens lindíssimas, que transmitem alegria, sonhos, resiliência e liberdade, e que deixa a mensagem, que devemos ter sonhos, e que mais do que isso, devemos acreditar neles, e buscar realiza-los, como o bordado nas telas, preenchendo os vazios, respeitando as pessoas, mesmo quando têm

opiniões diferentes das nossas, buscando não feri-las e despertando a poesia e a liberdade que cada ser carrega dentro de si mesmo.

### 3. A LIBERDADE E A POESIA A GENTE APRENDE COM AS CRIANÇAS

Chega-se o momento de falar sobre Manoel de Barros, apesar de dispensar a apresentação, é bom que se diga que se trata de uma pessoa nascida em Corumbá, em 1917. Formou-se em Direito, no Rio de Janeiro. Não nasceu poeta, mas se transformou poeta. Sobre a epígrafe acima, ser criança, um ser em construção, na fase mais pura, inocente e sincera da vida humana, momento ideal para “despertar” o encantamento para a poesia e a liberdade de nomear todos os sentimentos da criança, buscando apoio nas obras de Manoel, alguém que viveu com o menino dentro de si. Manoel e suas respostas poéticas:

Sempre me perguntam como é o poeta na vida prática. Uma vez respondi, em discurso quando ele recebia o título *Honoris Causa*, em uma universidade, que era um homem inútil. Não sabia fazer nada só poesia. Ele deu uma gargalhada, a plateia também. Sobre sua poesia já disse tudo. Crítica de todo o país e do exterior o louvam. Sobre ele muitas teses e mestrado e doutorado, em nossas universidades já foram feitas, além de um livro na Espanha. (SPÍNDOLA, p.17, 2006).

Tempo de tecer a teoria com a obra de Manoel, um homem, que sinto muito próximo de mim, porque a sua escrita o mantém vivo, posso até mesmo ver seu sorriso, sentir sua presença simples e calma, se nunca o ter conhecido pessoalmente.

O poema que escolhi para analisar, claro que todo respeito e humildade, perante um escritor como Manoel, foi um conto do livro *Exercícios de ser Criança* (1999) , sendo nomeada de “ O menino que carregava água na peneira”, trata-se de um livro, que nasce de um projeto inicial, baseado em história de um poeta, e de ilustradores que ao remeter a lembrança carinhosa de sua mãe, tecendo, sob olhar carinhoso em seus filhos e no tear, com linhas coloridos, que se transformavam em um jardim, que de tão belo, quase se podia, sentir o cheiro das flores, o vento suave, os sons da natureza, canto de João de Barro, o voo do beija-flor azul marinho de caldas longas, tomando banho na água que sai da mangueira.

Um texto, que não possui parágrafos, inicia-se com letras maiúsculas, palavras acentuadas, vários pontos de interrogações e um ponto de exclamação, dois pontos, travessão, ponto final, mas a história não termina com o ponto final, dando a ideia de que a história continua... tudo se dá por meio de um diálogo, sobre a vida, as incertezas, dúvidas, expectativas, e começa no aeroporto, dando a ideia de voo, liberdade, o primeiro passo. E, nessa pergunta do menino “\_” E se o avião tropicalar num passarinho?” Nota-se, que quando o

poeta escreve, não se preocupa com ortografia correta, talvez por trilhar no imaginário, e que no campo das imaginações, não existe, certo ou errado, o que importa, é que as ideias, estão sendo construídas e materializadas.

Um lugar de extrema beleza, bucólico e que acalma a alma, as palavras mais significativas que aparecem no texto, são: menino, passarinho, poesia, despropósitos, liberdade, pai, mãe, irmãos, peneira, águas, vento, peixes, alicerces, casa, orvalho, vazio, cheio, infinitos, cismado, esquisito, tempo, descobriu, escrever, poeta, capaz, ser, noviça, mendigo, monge, aprendeu, usar, palavras,, começou, fazer, peraltagens, interromper, botando, ponto, final, modificar, tarde, botando, chuva, fazia, fez, pedra, flor, reparava, ternura, falou, meu, filho, vai, ser, vida, toda, encher, vazios, suas, algumas, pessoas, vão, amar.

Os verbos dos textos, estão conjugados no passado, “No aeroporto o menino “perguntou”, visualiza o orientador e seu aluno, que para aprender, perguntava, sobre as coisas da vida.” O pai ficou torto e não respondeu “a imagem do pai como figura austera, no silêncio, se fala muita coisa, quando confiamos e deixamos nossos filhos lançarem voos... ainda na figura do pai, no sentido que o ser humano precisa necessariamente ter um pai e uma mãe, como grandes pessoas na história tiveram, Buda, Aristóteles, Jacques Delors, Dewey, Rousseau, você e eu. Barros (1916), escreveu

No aeroporto o menino perguntou:  
 \_ E se o avião tropicar num passarinho?  
 O pai ficou torto e não respondeu.  
 O menino perguntou de novo:  
 \_ E se o avião tropicar num passarinho?  
 A mãe teve ternuras e pensou:  
 Será que os absurdos não são maiores virtudes da poesia do que bom senso?  
 Ao sair do sufoco o pai refletiu:  
 Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças.  
 E ficou sendo.

Observem que, no texto, a palavra aeroporto, remete ao lócus, ou seja local, um lugar de partida, o menino perguntou, menino remete a juventude, a inocência, imaturo, um ser em construção, perguntou, cheio de dúvidas, expectativas, medo diante do novo, alguém que pede conselhos a quem confia, nesse caso a figura do pai, e o verbo ficou, situa a ação no passado, torto, mesmo a pessoa mais velha não possui respostas para tudo, mas é um porto seguro, um lugar para onde voltar, alguém que segura o fio da pipa enquanto voamos. \_ E se o avião tropicar num passarinho?

Avião pode ser ele mesmo, tropical observem que a palavra coloquial, remete ao embrionário, ainda não domina a norma culta da escrita, mas tem a oralidade e se faz entender, raciocínio lógico, mesmo pessoas analfabetas nos tempos primórdios, interagem na sociedade, como no caso do movimento menestréis gregos, que caminhavam na Idade Média, pelos palácios feudais contavam as coisas sobre a Palestina, e também sobre histórias de nobres cavaleiros.

Mãe, notem que essa palavra aparece como algo no cognitivo, ou seja no sentimento humano e que é racional, logo pensa, logo existe. Pensando na história da humanidade, vamos à Gaia, que remete à Terra, na mitologia grega era deusa mãe da Terra ou da mãe Terra, conhecida pela sua grande força geradora, companheira de Urano e mãe de Titãs e de Ciclopes.

Será que os absurdos não são mais carregados de poesia do que o bom senso? Manoel nos questiona, nos provoca de maneira poética, doce e racional, a palavra absurda, funciona como o coração da história,” O menino que carregava água na peneira,” talvez seja o que nomeou o tema do conto, observem o uso da semiótica, ou seja, a parte da ciência que estuda a significação. Segundo Greimas (1993), a semiótica foi inspirada na fenomenologia, ou seja, “parecer do sentido”, do processo interno que gera sentido nos textos (verbais ou não verbais), partindo da ideia de que os textos são constituídos de uma oposição em sua estrutura profunda. Poesia, como Manoel mesmo falava é a” loucura” das palavras. Bom senso, no sentido do ser humano viver de uma maneira civilizada e conforme os bons costumes, para tentar viver respeitando as regras, os pensamentos e a liberdade de expressão dos outros.

Tenho um livro sobre águas e meninos  
 Gostei mais de um menino  
 que carregava água na peneira.  
 A mãe disse  
 que carregar água na peneira  
 Era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar aos  
 irmãos

O uso da metáfora, carregava água na peneira, remete a ideia de que, sonhos, ideais, objetivos, são como água na peneira, ou seja, alguns vão passar direto, serão filtrados, outro serão concretizados, e para que isso aconteça, é necessário trançar os buracos vazios da peneira, e como se faz isso? É preciso bordar para materializar seus sonhos, o tear é muito mais difícil do que a pintura, fazendo alusão, de que o caminho para realizar nossos sonhos, é sempre mais estreito, doloroso, que algumas vezes vamos nos ferir, algumas vezes as luzes

estarão apagadas, que o voo solitário em um abismo faz parte, é assim que funciona para nosso crescimento.

A mãe disse que era o mesmo que  
 Catar espinhos na água  
 O mesmo que criar peixes no bolso.

A palavra mãe, também pode ser a consciência dele, porque quando os filhos voam em suas viagens solitárias, costumam ouvir a voz da sua mãe, seria uma conselheira? Catar espinhos na água, é muito difícil, mas crescer é um movimento doloroso, silencioso, monstruoso, revolucionário, limpeza interna, autoconhecimento, quando nos reencontramos de corpo, alma e coração, pode ser assustador, amedrontador, de reconhecer que temos muitas falhas, que cometemos muitos erros, que em busca de algo chamada “felicidade”, passamos por cima de sentimentos alheios, somos ditadores, cruéis, incapazes de olhar nos olhos dos nossos pares, de perguntar se está tudo bem? Mas de verdade, porque muitas vezes pode ser a última vez que verá essa pessoa.

O menino era ligado em despropósitos (bordado)  
 Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos

A palavra despropósitos remete a ideia de” ausência de uma função, a priori na obra de arte”, ou seja, o prefixo não tem exatamente uma função, o menino não se preocupava se as coisas fizessem sentido, ele se permitia, sonhar, viajar na sua imaginação. A princípio, a ideia de construir uma casa sobre o orvalho, é irreal, mas se nos permitirmos viajar no lado maravilhoso que todos nós carregamos dentro de nós, pode ser possível, não é mesmo? Ora, pensem dessa maneira, o orvalho, fica sobre a grama, que nasce sobre a terra, logo, a casa pode ser construída em solo sagrado, porque toda casa deveria ser um templo, um lugar sagrado, que nos abriga, nos protege da chuva, do frio do calor, nos alimenta, nos sustenta, e nos permite caminhar sonhando e buscando realizar todas as nossas necessidades, como seres humanos que somos, e que temos uma enorme dádiva divina, que é de sermos racionais, de termos a capacidade de aprender, e que tudo está `a nossa disposição, é como um livro, fechado, é apenas um objeto, mas aberto, folheado, repaginado, revisitado, lido e relido, tem o poder de mudar nossas vidas.

Preencher lacunas, saciar desejos, que muitas vezes são buscados no chocolate, refrigerantes, na prostituição, nas guerras, porque o homem, encontra-se em um buraco negro, sem propósitos, sem família, muitas dúvidas, incertezas, correria, busca de títulos, de

reconhecimento, de aceitação, de assédios morais, que não nos permite, perceber a beleza oculta da vida. Até quando vamos receber notícias, de crianças matando outras crianças, cometendo suicídios, não só crianças como adultos, de professores que trabalham com cargas horárias altíssimas, e que levam trabalhos para suas casas, que deveria ser o lugar para o seu recolhimento espiritual, para renovar suas forças, permite-se ao prazer, mesmo que pequeno de viver?

A mãe reparou que o menino  
 Gostava mais do vazio  
 Do que do cheio.  
 Falava que os vazios são os maiores  
 E até infinitos.

Os vazios, de fato, são mais interessantes, porque nos permitem preenchê-los da maneira, da forma, da cor, do cheiro que nos dê mais satisfação, como é gratificante e recompensador, preenchermos os vazios da nossa alma.

Com o tempo aquele menino  
 Que era cismado e esquisito  
 Porque gostava de carregar água na peneira  
 Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na  
 peneira

O menino era considerado estranho porque saía do comum, gostava de poesia, e que para Benedito Croce (ANO), poesia seria o conjunto de imagens (que vem do psico) animadas, ou seja, que tem ânimo (alma), entende-se que tudo o que permeia a alma humana, gera sentimentos, ruins e bons, e tudo isso, se transforma em poesia. A ideia de carregar água na peneira, iguala-se ao ato de escrever, imaginemos uma folha em branco, é apenas uma folha em branco, mas quando se escreve nela, ela ganha vida, alma, que gera sentimentos a quem lê.

No escrever o menino viu  
 que era capaz de ser noviça, monge ou mendigo  
 ao mesmo tempo.

Quando o escritor escreve, ele trilha um caminho da imaginação, muitas barreiras são ultrapassadas, preconceitos são superados, porque quando a pessoa aprende a ler, abra-se

um horizonte de pensamentos, a literatura possibilita que o homem entenda a si mesmo, sua história. Todas as histórias humanas falam do bem e do mal, muitas vezes apresentadas com adversários, o bonzinho e o vilão, mas penso que estão dentro de cada um de nós, em busca do equilíbrio emocional, a luta é diária, porque quando somos dominados pela ira, raiva, inveja, ciúmes, ficamos cegos, capazes de atos insanos e de dizermos palavras toscas e malditas, que de tamanho veneno pode matar toda a esperança, sonho, entusiasmo de alguém. A leitura permite ao homem, viajar por lugares bonitos agradáveis, floridos, musicalizados, e também por vales tenebrosos, gelados e putreficados, isso acontece porque quem escreve sempre é um ser humano, e ele conta tudo o que o ser humano sente, medo, expectativas, prazer, tristeza, por isso que quando nos permitimos ler bons livros, não precisamos de livros de autoajuda, a literatura possibilita que reconheça e consiga nomear seus pensamentos e sentimentos. O menino viu que poderia ser noviça, monge ou mendigo, poderia ser homem ou mulher, que poderia ser católico ou budista, não importa a religião ou a escolha sexual da pessoa, todos somos seres humanos, e deveríamos caminhar com tranquilidade entre os nossos, sem julgamentos, preconceitos, mas com muito respeito à vida, à liberdade de escolhas, expressões e pensamentos.

O menino aprendeu a usar as palavras.  
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.  
E começou a fazer peraltagens.

A leitura promove o diálogo, quem lê sempre tem o que falar. Manoel de Barros, gostava de brincar com as palavras, não porque não sabia escrever a norma culta da escrita, por ser um advogado a conhecia muito bem, mas as “peraltagens” com as palavras, deixa a história mais leve, engraçada e promove a igualdade, porque os alguns letrados, intimidam por serem considerados doutores da escrita, de certa forma isso cria uma distância, uma lacuna entre as pessoas mais simples, que escrevem mais modestamente. Penso, que o mais importante é escrever o que vem do coração, da sua alma, porque isso que emociona, que provoca sentimentos que por vezes, já estão tão enraizados na alma, que a pessoa, nem se lembra que tinha esse sentimento dentro dela.

Foi capaz de interromper o voo de um pássaro  
botando ponto no final da frase.

Teve a capacidade, percebam como isso é grandioso, de interromper o voo de um pássaro, com um ponto final. O homem consegue escrever histórias, reescrevê-las, porque é um ser racional, e além de todos os sentidos, tem oralidade, ou seja, sabe falar, e consegue pensar no que vai falar, e com discursos muito bem elaborados, para expressar seus pensamentos, de mostrar o caminho, de estabelecer regras e de persuadir grandes massas. Tamanho é o poder da escrita, que só é conseguida pelo exercício da leitura.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.

Mais uma vez, mostra que o homem é capaz de mudar uma situação, basta que raciocine sobre isso e busque soluções para resolver, muitos de nós temos o costume de reclamar sobre tudo, o que é até normal, mas precisamos fazer uma escolha, ou desperdiçar nosso tempo e energia reclamando ou enfrentar os obstáculos e pelo menos tentar fazer o nosso melhor.

O menino fazia prodígios.  
Até fez uma pedra dar flor!  
A mãe reparava o menino com ternura.

Ora, se pensarmos, uma pedra pode dar flores? Na lógica não, mas na imaginação pode, e se acreditarmos, então, é real. Pensemos, assim, um coração de pedra pode ter sentimentos nobres? Na realidade não, mas o poder dessa energia chamada amor é tão poderosa e forte, que pode infiltrar pelos poros empedrados, e irrigados, pela paciência, perdão, persistência, devoção e ternura, o milagre de fato pode acontecer, nascer uma flor de uma pedra.

A mãe falou:  
Meu filho você vai ser poeta  
Você vai carregar água na peneira a vida toda.

O que é ser poeta? Poeta é que conta ou escreve poesia, e poesia é tudo que vem da alma e do coração, ou seja, em dados momentos, todos nós somos poetas, autores de nossas próprias histórias, nossas dores, amores, feridas, conquistas, a busca de um sonho, os

tropeços, os vazios, a solidão, as fúrias, insanidades, os amigos, a família, a casa, o passarinho que remete à liberdade de correr atrás dos nossos objetivos, que por vezes temos que fazer sozinho, mas a voz de quem nos amou e ama ecoa em nossa mente, porque tudo o que aprendemos está em algum lugar na nossa mente, basta acessar quando precisar, e nosso lar vai com a gente para onde quer que formos. Por isso, não somos árvores com raízes nos pés, temos asas para voar por vários lugares e depois podemos voltar ao nosso lar.

Você vai encher os vazios com as suas  
Peraltagens  
E algumas pessoas vão te amar por seus  
Despropósitos

Peraltagens, no sentido de brincadeiras, de se permitir viver de uma maneira mais livre, apaixonada, entusiasmada, sem muitas amarras, sem muitos padrões preestabelecido, de peito aberto as novas emoções, outros solos, relacionamentos, povos, culturas, valores, sabores. Encontrará pessoas que vão te amar pelo seu jeito de ser, e outras que vão te odiar pelo simples fato de existir, mas não se prenda a isso, muitas vezes as pessoas projetam em nós suas frustrações e defeitos, assim sendo, não sofra por isso, viva o mais intensamente que puder, faça muitos amigos, que são como anjos que encontramos pelo nosso caminho, e quando são verdadeiros, passe o tempo que passar, a distância que estiverem deles, sempre serão seus amigos, com a mesma essência, porque isso é uma maneira de amar, deixando livre, para que percorram sua trilha, preencham seus espaços vazios e depois se quiserem e sentirem a necessidade, os amigos sempre acabam se reencontrado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### E FICOU SENDO...

Para viajar com Manoel não é necessário encher muito a sapicuía, apenas respeito, reverência ao escritor com esse nome e com tamanha sabedoria. Coragem, intuição, aprender a ver as coisas simples da vida, a música do amanhecer, o cheiro, o gosto, o toque, o relacionamento com as pessoas, os seres vivos, encantados e desencantados, e quando cairmos em algum abismo fundo, buscarmos a luz, que pode ser escura, preta, por que que estabeleceu que anjos precisam vestir de branco? Seres iluminados, carregam sua luz, dentro da sua alma, no coração e na sua mente.

Confiar e ser fiel àquilo que carrega dentro de si, porque independente da viagem que faremos, nossa família, nossa casa, nossos amores, estarão com a gente, quando ouvimos aquela voz, vemos aquela fotografia, sentimos a brisa e o cheiro do café e do pão francês, nos nossos sonhos com nossas pessoas, onde contamos tudo o que se passa, mas acordamos, estamos sozinhos.

Ligados em algo que nos dê força para caminhar, em lugares sombrios, frios, com cheiro de peixe, mesmo na incerteza de que vamos voltar a rever nossos amados, quando nosso coração sangra de tanta saudade e de algumas feridas que vão se abrir, porque para evoluir, é necessário caminhar na escuridão e pisar nos espinhos da rosa, que são belas, vermelhas, aveludadas, mas que podem nos ferir profundamente.

Continuar caminhando, mesmo quando não temos vontade de prosseguir, quando não sente nada, apenas vaga perambulando. O silêncio, o retiro faz parte, às vezes, a fuga, não significa covardia, mas uma recarga, para voltarmos no ponto em que paramos, para enfrentar os nossos vazios.

Temos a capacidade de ouvir, falar, cheirar e pensar, percebam como isso de fato, é uma dádiva divina. A venda causa pânico, impotência e falta de direção, conseguimos caminhar, meios tortos, mas vamos em frente, aos poucos, percebe que pode usar seus outros sentidos. Respirando fundo, e o oxigênio, vai voltando e assim, percebe que só você pode traçar o destino da sua vida, ninguém pode nascer e nem morrer no seu lugar. E ninguém pode escrever a sua história, com tanta veracidade quanto você mesmo.

Diante da inocência, caminhe junto, mostre a luz, há momentos em que estará na frente, outros ao lado, e outros atrás. Cada um ensina e aprende de maneiras diferentes, alguns tem doçura nos lábios, outros cospem fogo, destilam veneno, mas é necessário, tudo contribui

para nosso crescimento espiritual, material e emocional. Humildade, é uma virtude fundamental

para quem está caminhando, lembrando de onde viemos, onde estamos e onde vamos chegar, e que o mundo é redondo, e dá voltas, e que até mesmo as pedras se encontram.

O amor é sublime, pode curar feridas, ultrapassar barreiras e vencer preconceitos, nos coloca na mesma posição, nos permite falarmos a mesma língua, mesmo estando em lugares diferentes, outras crenças, culturas. Ele pode curar almas, não tem inveja, fica feliz com o crescimento do outro, não faz cobranças e nem julgamentos, e como estamos com Manoel, é uma palavra que ao contrário se lê Roma, e se transforma em uma menina, e ele em um menino, mas será que nós humanos, em dados momentos precisarmos ser homem, aquele que provê as necessidades da sua família, e em outros momentos mulher, àquela que sabe falar com doçura, abriga, alimenta e reconforta?

O fato é que essa viagem chamada vida, pode ser trilhada da maneira que quiser, vendados e embriagados nas amarguras, nas incertezas, nos sofrimentos, nas injustiças, nas traições, nas violências. Portanto, podemos mudar o curso do rio, permitirmos navegar em águas calmas, ouvindo a música da natureza, junto com nossos amados, fazendo o que nos dá prazer, a incompletude do ser é algo maravilhoso, temos a chance de completarmos ou não o quebra-cabeça, de acharmos a saída do labirinto, de usar a chave que abre nosso coração, mente e alma, e essa decisão, cabe apenas a nós mesmos.

E como dizia Manoel(1999), “ E ficou sendo”.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel. **Exercícios de ser Criança**. 23ª imp. São Paulo: Salamandra, 1999.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria- Análise- Didática**. 5.ed. São Paulo: Ática, 1991.
- CROCE, Benedito. **Breviário de Estética**. São Paulo: editora Ática, 1997.
- CULLER, Jonathan. **O que é literatura e tem ela importância?** In: Culler, Jonathan. Teoria literária: uma introdução. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.
- FUNDAÇÃO MANOEL de BARROS. SPÍNDOLA, Pedro (Org.). **Celebração das coisas**. 1. ed. 2006. Apoio Fundação Municipal de Cultura.
- GREIMAS, Algirdas J. FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das Paixões**. São Paulo: Ática.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil** .4. ed. São Paulo: Global, 2106.
- ZILBERMAN, Regina; SILVA, Theodoro da Silva. **Literatura e Pedagogia: Ponto & Contraponto**.2.ed. São Paulo: Global, 2008.
- ZILBERMAN, Regina; SILVA, Theodoro da Silva. (Org.). **Leitura: Perspectivas Interdisciplinares**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1991.